



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAÍRA SILVA DE OLIVEIRA

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O
CENTRO DE SALVADOR NO CONTEXTO DA PRIMEIRA REPÚBLICA NO
LIVRO *SUOR* (1934)**

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2023

MAÍRA SILVA DE OLIVEIRA

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES NO LIVRO
SUOR (1934) SOBRE O CENTRO DE SALVADOR NO CONTEXTO DA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação- Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, como parte dos requisitos para obtenção da nota da disciplina de Pesquisa Histórica IV.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Souza Silva

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2023

AGRADECIMENTOS

Acessar à Universidade sempre foi um sonho, digo, muitas vezes, que mais da minha família do que meu, devo a todos gratidão pelo apoio neste percurso e por se esforçar para que eu pudesse vivenciar a experiência de estar neste lugar, principalmente, a minha mãe, Eliana Almeida Silva, que me apoiou e teve muita paciência comigo nesses anos, a sua presença me deu forças para não desistir.

Agradeço às minhas irmãs, Marina e Marla, por me ajudar e apoiar em todos os momentos. Com Marina dividir, durante esses anos, os momentos mais alegres e aqueles mais difíceis na Universidade, sou muito grata por tudo que compartilhamos juntas, por todo o acolhimento e apoio, você é um presente para mim.

Deixo também registrado meu agradecimento a todos os professores da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, pelos ensinamentos e aprendizados, ao professor Ricardo Batista, pela colaboração e sugestões de leitura e, em especial, ao meu professor orientador Rogério Souza Silva, por todo apoio, incentivo e paciência. Muito obrigada, professor! Sempre serei grata ao senhor pelas sugestões, ensinamentos. Muitos se inspiram em você como profissional e pessoa.

Agradeço também aos colegas e pessoas que passaram pela minha vida, pelas trocas e todo apoio durante este ciclo, além dos profissionais que conheci, que, de alguma forma, contribuíram nos estágios e programas, com sugestões, ensinamentos e palavras de incentivo, menciono aqui Eloína Batista, Sarah Teles, o querido Cristian Barreto, pró Aline Gordiano, pró Italila e o digníssimo professor Antônio por todas as oficinas e experiências proporcionadas no Programa de Iniciação à Docência- PIBID.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida, e que me fortaleceram em algum momento, meus avós, vovó Helena e vovô Nego, primas, tias e tios, meu companheiro, entre outros. Encerro este ciclo com gratidão, e pretendo um dia retornar à Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar, a partir da relação entre a História e a Literatura, as descrições sobre o centro de Salvador no contexto da Primeira República, por meio dos elementos contidos na obra *Suor* (1934). O livro, do autor Jorge Amado, permite resgatar aspectos sobre o contexto de discursos que defendiam a modernização da cidade e evidencia a presença de setores populacionais que, aos olhos das elites, representavam as velhas práticas coloniais. Desse modo, frustrando os seus anseios modernizantes e civilizatórios. Além disso, a vida urbana e os conflitos vivenciados por seus personagens, demonstram as posições políticas do autor, apresentando a existência de elementos marxistas presentes no texto. A obra é escrita em um momento de grandes transformações políticas, mudanças econômicas e culturais, marcados presença de uma literatura social , fruto dos avanços do modernismo.

Palavras-chave: Jorge Amado, Modernidade, Cortiço, Marxismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I: TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NO INÍCIO DA REPÚBLICA E O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS	10
1.1 O SÉCULO XX E A PRIMEIRA REPÚBLICA	10
1.2 A LITERATURA E O ESPAÇO URBANO	19
1.3 O MODERNISMO	22
1.4 JORGE AMADO E O ROMANCE SOCIAL	25
CAPÍTULO II: A PRESENÇA DE ELEMENTOS MARXISTAS NA OBRA <i>SUOR</i> :.....	28
2.1 CADERNOS DE APRENDIZ DE ROMANCISTAS.....	28
2.2 <i>SUOR</i> : CONFLITOS DE CLASSE.....	30
2.3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE: O CASO DE LINDA.....	36
2.4“VEJAM O QUE ELES FIZERAM NA RÚSSIA”: MENÇÕES À REVOLUÇÃO.....	39
CAPÍTULO III: <i>SUOR</i>: PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE URBANA FRENTE OS ASPECTOS DA MODERNIDADE	44
3.1 A HISTÓRIA E A LITERATURA.....	44
3.2 O CASARÃO 68: UM OLHAR SOBRE AS MORADIAS E AS CONTRADIÇÕES DA MODERNIDADE.....	49
3.3 CRISE: AS MANIFESTAÇÕES DO DESEMPREGO E DA POBREZA NO LIVRO <i>SUOR</i>	54
3.4 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS LAVADEIRAS.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

Os textos literários, prosas, romances, fábulas, assim como os escritos historiográficos, constituem importantes relatos da experiência humana. Fruto da vivência do escritor no seu tempo, a literatura é sempre um registro privilegiado de um determinado momento, representando, no uso que a História faz dela como fonte, falas das verdades do simbólico, de um real construído pela percepção dos homens no tempo (PESAVENTO, 2003, p.40). Campos semelhantes, essas duas áreas, a literatura e a história, se entrelaçam e constituem importantes exemplos de narrativas, sendo o que as diferenciam, o compromisso dos escritos literários com a imaginação, enquanto a história busca as evidências (Idem, p.38).

A aproximação entre esses dois campos é estabelecida há muito tempo e o uso de documentos literários na história é evidenciado por historiadores desde o século XIX. De acordo com Peter Gay (1990, p. 132), Burckhardt, historiador da arte, já era estudioso maduro e renomado, quando escreveu um trabalho tendo como fonte um diário romano. Além disso, o próprio Ranke, considerado o fundador da história científica, era um importante historiador tradicional e utilizava elementos literários em suas pesquisas historiográficas, fazendo o seu uso na construção retórica das narrativas. Segundo Gay (1990, p. 64-65), o autor apresentava características dramáticas aos seus personagens e montava cenários de efeitos assombrosos que se assemelhavam às peças teatrais.

Esses dois campos de conhecimento, que em consequência da constituição das ciências a partir do século XIX passaram a ser descritos como distintos, sempre estiveram unidos (WHITE, 1994, p. 54-55). A Escola dos Annales é um marco importantíssimo da historiografia do século XX, tradicionalmente, observa-se três gerações dessa Escola, é a partir da terceira geração, que se consolida no final dos anos 60 e início dos anos 70, que a literatura ganha uma força significativa dentro do conjunto de transformações epistemológicas que foram realizadas por esse grupo, que começam a dar uma melhor ênfase para a História Cultural. Desse modo, a partir dessa perspectiva há um alargamento das fontes e os conceitos de representação, as categorias do simbólico e do imaginário, começam a ganhar corpos nos trabalhos acadêmicos (BURKE, 1997; PESAVENTO, 2002; WHITE, 1994).

Hayden White (1994) defendeu a existência de elementos literários nos textos históricos. Ele considerou uma contradição dos historiadores apresentarem sua área de conhecimento como ciência, porém sendo esta não exata. Ao mesmo tempo, defendendo que ela mesma possui elementos intuitivos e métodos analíticos. Contudo, quando os historiadores

são criticados pelos literatos, sua reação mais imediata é chamar o seu domínio de saber como uma “quase” ciência. Para o autor, assim como os escritos narrativos, a história também é uma forma de arte, no entanto, seu aspecto artístico tem um caráter “controlado”.

Do mesmo modo que a literatura, a história também apresenta técnicas de representação, como artifícios teóricos, figuras de linguagem, metodologias que também são usadas na poesia e na prosa (WHITE, 1994, p.139). Sendo assim, esses dois campos, estão em locais semelhantes, existindo um diálogo das duas áreas, já que é impossível, na visão do autor, em qualquer discurso se abster dos elementos linguísticos e isso reverbera em algo já superado na historiografia: a sua neutralidade.

De acordo com Pesavento (2007, p.46), esses escritos literários constituem importantes fontes para o historiador e possibilita vários estudos sobre um imaginário urbano, sendo utilizado por diferentes autores. Foi por meio da prosa, que o autor Raymond Williams (1990) analisou a existência de uma Idade do Ouro na Inglaterra e investigou o período anterior à industrialização, é através do uso da literatura moderna de autores como Lima Barreto e Euclides da Cunha, que Nicolau Sevcenko (2003) escreveu a obra *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, que analisa o contexto de transição do Império à República a partir de textos literários, que o historiador Sidney Chalhoub analisa o período do fim da escravidão em *Memória Póstumas de Brás Cubas* (1881), entre outros historiadores.

Esses trabalhos foram possibilitados por um estreitamento dessas duas áreas, a história e a literatura, ambas evidenciaram aspectos da experiência que contribuem para a compreensão de determinado contexto e possui a característica da temporalidade (PESAVENTO, 2003). No cenário brasileiro da Primeira República, a modernização das cidades e os problemas sociais foram objetos retratados por importantes nomes da literatura. Na Bahia, a cidade de Salvador, nesse contexto, era um local insalubre, foco de várias doenças e que detinha ampla mão de obra (LEITE, 1996).

Apesar de não ter apresentado evidente aumento demográfico e grandes migrações entre 1890 e 1940, como era o caso dos grandes centros brasileiros, nesse período, a capital baiana vivia uma das mesmas dificuldades desses locais: a crise de habitação. Em certas áreas houve a expulsão de moradores em detrimento do comércio, aumentos de aluguéis e outros fatores. Mesmo com os “melhoramentos” realizados nas áreas centrais pelo governo, uma grande parte da população, por conta da maior proximidade do local de trabalho, optava por viver nesses locais e esse fator fazia com que os inquilinos procurassem habitações cada vez piores (SANTOS,1990; SANTOS, 2005).

Assim, “avenidas de casinhas”, lojas e casebres continuaram por todo o período como habitações típicas da maioria da população (SANTOS, 1990. p. 28). As situações das condições de moradia na capital, e o grande número de moradores em pequenos compartimentos foram objeto de denúncias relatado pelo escritor Jorge Amado no livro *Suor* (1934). Além disso, a narrativa apresentada no livro também simboliza uma resistência da velha área colonial e dos moradores das áreas centrais em meio às cenas modernas da cidade.

Um outro aspecto contido no livro, que está relacionado às perspectivas políticas do autor, é a presença da influência das leituras ligadas ao marxismo que se faz presente no texto através das ações dos seus personagens. Essas características da obra, de abarcar elementos da modernidade e aspectos do marxismo, está em conformidade com a perspectiva apresentada pelo filósofo Marshall Berman (1986), que, ao explorar e mapear as ambiguidades e questões que permeiam a vida moderna no livro intitulado *Tudo que é sólido desmancha no ar*, critica a separação entre o modernismo e modernização, e afirma que marxismo, modernismo e burguesia estão empenhados numa estranha dança dialética (p.87).

A obra de Jorge Amado é datada de 1928, mas que certamente sofreu alterações, foi publicada no início dos anos 30. O autor na década 1990 afirmou que neste livro é relatado “verdadeiramente” o que teria vivido quando morou em uma das vielas próximas ao Largo do Pelourinho na década de 20 (PALAMARTCHUK, 1998, p. 343). Jorge Amado, como descrito acima, fala de um “relato verdadeiro”, baseado nas experiências que vivenciou; para problematizar essa questão, será considerado neste trabalho o conceito de representação. Esse conceito situa-se no campo da História Cultural, que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”, e é descrito por Roger Chartier como construções que são sempre estabelecidas:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988. p.17).

Portanto, à luz dos avanços das discussões teóricas entre a literatura e a história, essa obra se constitui em uma importante representação da experiência humana vivenciada no processo de urbanização de Salvador na Primeira República e os problemas sociais do contexto. Além disso, também evidencia a forma de pensamento do autor e as influências ideológicas que sofreu em seu tempo. Deste modo, este trabalho tem como objetivo analisar, a partir do diálogo da história e da literatura, quais as relações apresentadas na obra *Suor* (1934) com o cotidiano das

classes populares na capital baiana nesse período e analisar a influência das posições políticas adotadas pelo autor na narrativa.

A temática do trabalho surgiu no período da pandemia e a literatura foi sugerida pelo professor orientador como uma possibilidade de pesquisa. O interesse também foi despertado após as leituras realizadas nas disciplinas de Brasil, em que foram utilizadas referências sobre a Bahia na Primeira República e o contexto da modernização do Estado. Isso influenciou na escolha do romance e o seu recorte espacial pelo fato da obra fazer referência ao Centro de Salvador, local que, apesar de não muito familiar, apresenta significados de pertencimento. Além disso, faz-se fundamental o diálogo entre a história e literatura, que é um ponto não só de elementos distintos entre si, mas, principalmente, de encontros e semelhanças.

A fonte utilizada neste trabalho foi a obra literária *Suor* (1934), e para compreender os escritos do autor na década de 1930, alguns textos foram tomados como leituras auxiliares como o livro *O país do Carnaval* (1931) e *Cacau* (1933). No primeiro capítulo buscou-se introduzir sobre as principais transformações no contexto mundial e no Brasil no início da Primeira República, além de mapear algumas descrições do espaço urbano na literatura modernista, movimento literário do qual o autor é considerado integrante, e que teria influenciado a temática do livro.

No segundo capítulo, proponho demonstrar de que modo há a presença de uma leitura socialista nos elementos do texto no livro, relacionando esses trechos com os escritos marxistas. No terceiro capítulo, há um esforço em analisar a fonte evidenciando as características da moradia dos personagens na obra que vivem no centro de Salvador e os problemas sociais que são denunciados pelo autor, os quais demonstrariam uma contradição da modernidade.

CAPÍTULO I

TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NO INÍCIO DA REPÚBLICA E O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS

1.1 O SÉCULO XX E A PRIMEIRA REPÚBLICA

O período do final do século XIX e início do século XX foi marcado por mudanças no âmbito político, econômico e cultural do país, sobretudo, nas grandes cidades, marcadas por um número crescente de trabalhadores fabris e uma nova ordem cultural em efervescência – expressões como civilização, progresso, *chic*, que eram socialmente aceitas e comuns nesse contexto, demonstraram algumas das transformações da época (SEVCENKO, 1992; SILVA, 2017).

Esse cenário esteve em consonância com o que estava no mundo. Foi nesse período que novos produtos e serviços foram criados, a exemplo do aspirador de pó (1908), o telefone, o avião, o Ford T, o qual teria revolucionado a indústria automobilística, a bicicleta e os fogões a gás, que teriam se multiplicado nos mercados de massas (HOBSBAWM, 1998, p. 80-82). Além disso, de acordo com Hobsbawm (1998), no fim do século XIX, a economia tornou-se mais pluralista e os investimentos da Inglaterra na América Latina alcançaram níveis assombrosos, o que possibilitou a industrialização e urbanização de alguns países localizados nessa região (p. 80).

Entre as inovações mundiais, apontada pelo historiador, o cinema seria a mais extraordinária e ganha um grande público a partir do século XX (HOBSBAWM, 1998, p.308). Este dominaria e representaria uma das maiores transformações das artes no mundo e o símbolo do modernismo não tradicional (HOBSBAWM, 199, p. 332). O cenário de progresso também implicou maior acesso das comunicações de massa, de acordo com o historiador Hobsbawm (1998, p. 82), foram nesses anos que os jornais britânicos (1890) e franceses (1900) alcançaram o seu maior número de tiragens.

Outrossim, pela primeira vez as artes teriam também atingido pessoas comuns, o que significou uma ameaça à cultura erudita no contexto inglês (p. 308). Esse acesso à cultura por parte de outras classes e não mais restrito à elite seria consequência de contribuições do liberalismo e da esquerda ideológica, sendo a construção dos museus e bibliotecas públicas algumas dessas conquistas características (HOBSBAWM, 1998, p. 37).

As inovações da época e os grandes monumentos, os quais se constituíram símbolos da civilização, tiveram como seus maiores exemplos a França e a Inglaterra. Os brasileiros foram contagiados pela influência das duas principais nações europeias, principalmente pela capital

francesa (NEEDELL, 1993, p. 49). Paris passou a ser considerada por muitos, na segunda metade do século XIX, o principal centro cultural do mundo, sendo o primeiro modelo de como transformar uma cidade antiga em prática e bonita, tornando-a “civilizada” (NEEDELL, 1993, p. 51).

Abriam-se espaços livres, houve o alargamento das ruas, mudanças que criaram novas bases estéticas, econômicas e sociais, já que houve a substituição das moradias, demolições e um estímulo de fomento aos negócios locais (BERMAN, 1987, p. 146-7). As reformas empreendidas por Haussmann foram universalmente aclamadas e passaram a ser reconhecidas como um verdadeiro exemplo de urbanismo moderno e logo seriam reproduzidas em outros países (BERMAN, 1987, p. 147). Tais empreendimentos tinham como motivo fundamental o desejo pelo progresso diante da esfera econômica, política e cultural (BERMAN, 1987, p. 133).

A fantasia da civilização também esteve presente entre os cariocas, é incontestável a influência dos impactos das obras de Paris nos planos de mudanças da cidade do Rio de Janeiro dirigida por Pereira Passos entre os anos de 1903 e 1906. Além do símbolo cultural que representou a França, o engenheiro fluminense, desde a sua formação, estudou em escolas que seguiam manuais de tradições do país e também cursou engenharia na cidade parisiense, esses fatores, certamente, contribuíram para as ações que o profissional realizou na então capital do Brasil (NEEDELL, 1993, p. 49; p.58).

A cidade teve como marco significativo de representação da sua introdução nesse cenário a construção da Avenida Central, em 1904, uma reforma inspirada na cidade de Paris, tendo esse período de reformulação e adaptação, percorrido até a Semana da Arte Moderna 1922 (SEVCENKO, 2003, p. 43) e a comemoração do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Um outro projeto, que demonstrou nitidamente as influências francesas na metrópole, foi o edifício do Teatro Municipal (1905), inspirado no Ópera Garnier (NEEDELL, 1993, p.65).

Essas reformulações no Rio de Janeiro, as quais se aproximaram da realidade francesa, também foi possível, pois, a cidade possuía algumas condições que o historiador Nicolau Sevcenko (2003) considerou como promissoras: tinha papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira, possuía o maior núcleo de rede ferroviária do país, sediava o Banco do Brasil e, por fim, detinha, naquele momento, o mais amplo mercado de consumo e mão-de-obra (p. 39).

Como já foi observado no parágrafo acima, o Rio de Janeiro possuía um número expressivo de operários, após a Proclamação da República, esse número duplicou entre os anos de 1907 e 1920 (MATTOS, 2009, p. 38). Entretanto, os problemas sociais não escaparam e não acompanhavam os planos de prosperidade da cidade. Apesar de muitos empregados fabris, a

oferta de mão de obra carioca era abundante e, do mesmo modo, a taxa de desemprego (SEVCENKO, 2003, p. 73).

Tal problema social, que foi acentuado após o fim da escravidão, fazia com que principalmente muitos negros recém-libertos vivessem em condições degradantes e se submetessem às condições de trabalho semelhantes àsquelas da experiência do cativo, já que continuavam privados de liberdade e sem oportunidades. A presença do negro no Brasil era vista e retratada como um problema à ocidentalização do país e as aparências dos negros eram muitas vezes satirizadas no contexto da Primeira República, sendo, em diversas ocasiões, caricaturados nas revistas humorísticas de maneira animalizada (SILVA; ALMEIDA, 2013, p. 332).

A permanência dos preconceitos raciais no contexto do fim do século XIX e início do século XX tinha como respaldo as teorias, que já estavam ultrapassadas no contexto europeu – o positivismo, evolucionismo e darwinismo social – e que são introduzidas no país a partir da década de 1870, as quais justificaram os interesses das classes dominantes na época (SCWARCZ, 1993, p.18). Assim, apesar da abolição da escravidão, o lugar de inferioridade do negro foi frequentemente reforçado na sociedade com o fim de demarcar territórios (SILVA; ALMEIDA, 2013, p. 318).

A imagem do negro nas caricaturas era constantemente vinculada às atividades relacionadas à época da escravidão, a exemplo das representações da criadagem, que demonstravam a permanência nas mesmas posições herdadas (SILVA; ALMEIDA, 2013, p. 318). Parte dessa população, por vezes, preferiam como melhor alternativa estar sob a proteção dos setores dominantes, atendendo às exigências do período escravocrata, que resistiam nos costumes dos patrões – como dormir em domicílio – e ao seu exercício de autoridade, condições que se mostravam razoavelmente favoráveis para um contexto em que havia carência de moradias (GRAHAM, 1992; PRAZERES, 1998).

No livro *“Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860 - 1910”*, Sandra Graham (1992) evidencia que, mesmo livres, muitas mulheres continuavam em ocupações de serviço doméstico e viviam em condições de vigilância e controle, havendo a necessidade de registros e atestados médicos para desempenhar determinadas funções como a de ama de leite. A falta de ocupação na cidade do Rio, que abrigava na sua sociedade imigrantes, negros recém-libertos, pessoas vindas de outros estados do país, faziam com que muitos indivíduos estivessem reduzidos à situação de vadios compulsórios que revezavam entre as alternativas que lhe restavam: a mendicância, a criminalidade, o subemprego (SEVCENKO, 2003, p. 83).

Além disso, conforme afirmou Sevcenko (2003, p. 73), os números notáveis de crescimento ocultavam outras situações trágicas que podem ser percebidas como consequência do desemprego, como a fome, a carestia, a falta de condições sanitárias, a insalubridade e a carência de moradias.

A demolição dos velhos casarões, a essa altura já quase todos transformados em pensões baratas, provocou uma verdadeira “crise de habitação”, conforme a expressão de Bilac, que elevou brutalmente os aluguéis, pressionando as classes populares todas para os subúrbios e para cima dos morros que circundam a cidade. Desencadeia-se simultaneamente pela imprensa uma campanha que se prolonga por todo esse período, de “caça aos mendigos”, visando a eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade (SEVCENCKO, 2003, p. 47-48).

Essas desapropriações na região do Rio de Janeiro, motivadas pela construção da Avenida Central, e em razão das exigências de higienização sanitárias das casas e ruas pelas Brigadas, que removiam doentes dos prédios e sua interdição como medidas de prevenção as doenças do período como a febre amarela e a peste bubônica, tiveram como consequência o descontentamento dos proprietários dos imóveis e de milhares de pessoas, constituindo um dos motivos de insatisfações nos primeiros anos do governo que corroborou para a eclosão da Revolta da Vacina (1904) (CARVALHO, 1987, p. 94 - 95).

O ponto decisivo para o conflito foi a obrigatoriedade da imunização e a exigência de atestados nos estabelecimentos e locais de trabalho que levou a revolta para as ruas (CARVALHO, 1987, p. 99)¹. O episódio assumiu um caráter generalizado e violento: bondes foram atacados, carros de autoridades apedrejados, foram destruídos fios da iluminação elétrica da cidade. Houve a participação de operários, financiamento de comerciantes, que evidenciaram o descontentamento de muitos grupos com o então governo do Rio. “A reação da Vacina serviu para desencadear um protesto muito mais amplo e profundo” (IDEM, p. 133- 134).

Nesse contexto de modernização e afrancesamento da capital fluminense também significou a negação dos costumes brasileiros. Esse era um dos aspectos negativos para a população que não conseguia acompanhar as novas tendências de consumo e adequar-se aos costumes estrangeiros. Significava abandonar o passado colonial, os aspectos raciais da sua constituição, condenar tudo que era descrito pela elite carioca como tradicional, antigo e

¹ Outras motivações do conflito da Revolta da Vacina são consideradas na historiografia, na perspectiva de Nicolau Sevcenko (2003), o conflito seria uma reação contra o processo de aburguesamento e as ações da administração pública no Rio de Janeiro. A concepção afro-brasileira sobre a doença e a cura também são defendidas por Sidney Chalhoub (2006) como uma tradição que influenciou na resistência às vacinas ou intervenções médicas, pela crença de que algumas doenças, como a varíola, eram uma fase necessária ao indivíduo, como a dentição ou a menstruação, sendo prejudicial intervenções para que as pessoas a contraíssem, muitas vezes essas doenças eram consideradas sobrenaturais.

atrasado (NEEDELL, 1993. p. 70). A condenação e repreensão dos costumes do passado, assim como os aspectos negativos da modernização, foram criticados por muitos intelectuais brasileiros do período.

A figura de Raul Pederneiras (1898-1936), professor de direito e literato, foi uma das importantes personalidades da época que criticou a forma de modernização e tentativas de regeneração dos costumes da população carioca. No livro intitulado *Modernidade em desalinho: Costumes, Cotidiano e Linguagens na Obra Humorística de Raul Pederneiras (1898-1936)*, o historiador Rogério Souza Silva (2017), ao estudar as produções do literato, evidencia as denúncias e ironias que o autor faz às autoridades do Rio de Janeiro, aos políticos da época e ao descompasso que existia entre os costumes e a modernização do país.

Apesar da proclamação da República e dos discursos de progresso, Raul Pederneiras denunciou a existência das desigualdades e retratou com ironia os aspectos da modernidade, como as mudanças de alguns grupos no modo de falar, na maneira de ser, nas posturas e vestuários através das caricaturas. Nesse contexto, também houve o esforço na administração de Pereira Passos para disciplinar algumas práticas a exemplo da capoeira, do samba e do comércio ambulante (SILVA, 2017, p. 440).

Porém, mesmo com todos os esforços dos políticos cariocas, segundo o historiador, as práticas da cultura popular permaneceram existindo e resistiram à nova realidade. Além disso, os próprios hábitos na política permaneciam antigos e é alvo de críticas em muitas das caricaturas de Raul. Conforme afirma Souza (2017), Pederneiras foi um importante intelectual e observador das transformações na Primeira República e identifica a higienização das cidades também como um fenômeno que desencadeou problemas e acentuou alguns conflitos do período, a exemplo da Revolta da Vacina, mais uma vez evidenciando na modernidade um fenômeno de contradição (p.446).

São Paulo também é uma das cidades brasileiras que passou pelo fenômeno da urbanização e modernização. Destacou-se por ser um “foco de criação cultural” principalmente na década de 20 (SEVCENKO, 1992, p. 18). Conforme retratou o historiador Nicolau Sevcenko, no livro *O Orfeu Extático da Metrópole* (1992), a cidade – principal metrópole do país em termos populacionais – tornava-se dominante para as várias artes, foi nesse espaço que ocorreu as principais manifestações e exposições artísticas, em que havia o clamor por instituições públicas culturais, a exemplo dos museus, galerias e a multiplicação de editoras e livrarias. A própria imprensa carioca denominava a metrópole como “a capital do livro” (SEVSENKO, 1992, p. 96).

Através das fontes literárias, Nicolau Sevcenko (1992, p. 75) identifica fenômenos que delineiam sobre a formação de uma cidade moderna através da expansão dos chamados “clubs”, da indústria cinematográfica, da euforia dos aviões e da ostentação dos automóveis nas vias da cidade, que representava ostentação e eram considerados “brinquedos de ricos”. Nesse cenário, São Paulo também se destacou como campo das tecnologias e dos esportes. Essas práticas teriam se expandido em circunstância da Grande Guerra que contribuiu na difusão da ideia de que o esporte seria uma forma de preparação para a luta. Segundo o historiador, a cidade era a maior potência desportiva da América Latina em 1919 (p. 53).

A respeito do panorama urbano, houve reformulações na sua estrutura e paisagens, a cidade seria ornamentada com toques europeus, um exemplo dessa transformação é a reforma da praça cívica – Largo da Sé – (SEVCENKO, 1992, p. 103), e o alargamento das ruas que ocasionavam as chamadas “derrubadas”. Essa consequência, que gerou carência de habitações e o afastamento da população moradora dos centros, era resultado da vitrine urbana e moderna que as cidades se esforçavam em fazer, que, segundo Nicolau Sevcenko (1992, p. 127), trouxe muito mais problemas do que soluções (p. 127).

Os observadores da época, redatores de jornais de São Paulo como *A Folha da Noite* e *a Folha da Manhã*, denunciam a negligência dos agentes públicos diante do crescimento desenfreado das cidades, pois dispensaram de um planejamento projetando situações futuras e se abstiveram de questões como o problema das habitações coletivas, os quais eram consequências das reformas e do crescimento desenfreado (SEVCENKO, 1992). Sobre esses cômodos, o cronista denominado como P. retratou:

Oh! Os cortiços! Já viu o leitor um cortiço, ou pelo menos já calculou o que seja isso? Um corredor ao ar livre, para onde dão dez ou quinze portas de cada lado. A cada porta corresponde uma habitação: nada mais que um cômodo, por muito favor dois, onde se aboletam, sabe Deus como, pais e filhos. A cozinha é apenas o fogareiro que se vê à porta... Foi nos cortiços que a epidemia de 1918 mais fez vítimas, sobretudo nos primeiros dias, quando ainda não havia hospitais em número suficiente. Ora, depois da gripe, era de se esperar que as nossas autoridades não perdessem de vista os cortiços, e, ou tratassem de acabar com eles ou exigissem de seus proprietários uma higiene rigorosa, rigorosamente fiscalizada. Entretanto nada ou quase nada foi feito nesse sentido e os cortiços continuaram a aumentar de número, pomposamente denominados de "vilas", e dando rendimentos fabulosos aos proprietários. (P., "Uma rua de cortiços", OESP, 5/2/19 21, p. 5, *apud* SEVCENKO, 1992, p. 129)

Os habitantes desses locais eram em grande parte pobres e como menciona P., constantemente esquecidos pelas autoridades, mesmo sendo esses locais referência na proliferação de doenças. Em São Paulo, os bairros populosos e característicos de habitação coletiva eram o Bexiga, Brás e Bom Retiro (SEVCENKO, 1992, p. 38). Além disso, de acordo com Nicolau Sevcenko (1992, p. 135), outras das situações chamadas pelo historiador de

apavorantes era a poluição crescente dos reservatórios de água em bairros periféricos e a adulteração de alimentos em virtudes da economia da guerra que seriam uma das causas dos altos índices de mortalidade, que acometia principalmente os mais pobres.

Acrescentava-se ainda, entre as adversidades citadinas, acentuadas no cenário da modernidade, o aumento do tráfico de drogas, os acidentes causados pelos automóveis, denunciados pelos jornais que criticavam as impunidades dos motoristas. Além da febre de assaltos e as greves gerais que marcam o período entre 1917-1920. Houve no estado de São Paulo uma grande concentração de membros da classe trabalhadora, sendo também o lugar que mais recebeu imigrantes no país entre os anos de 1889 e 1930 (FAUSTO, 2008, p.764; p.792).

Esse fator teria relação com as manifestações grevistas, já que supõe que esses imigrantes tinham contato com as ideias políticas europeias. Os movimentos foram acentuados na conjuntura da Guerra, que elevou o custo de vida da população e se tornou um conflito urbano após a morte de um operário em 1917 (SEVCENKO, 1992, p. 142). As greves entre 1917 e 1919 também foram problemas enfrentados por outras importantes cidades no contexto de urbanização, e ganharam força significativa no contexto de Salvador no ano de 1919.

De acordo com o recenseamento do Brasil do ano de 1920, o setor dos operários industriais compunha dezesseis por cento dos trabalhadores em atividade na capital baiana, em seguida, vinha a ocupação no setor de comércio e finanças (5,6 %) e em terceiro e quarta colocação estava a agricultura (4,1 %) e o serviço doméstico (4.0 %). Porém, pode-se deduzir que esse número era ainda maior, levando em conta que mais de 57 por cento da população era considerada sem profissão e não a declaravam, principalmente no serviço doméstico (CASTELLUCCI, 2001, p.18).

No trabalho de dissertação da historiadora Maria Aparecida Prazeres Sanches (1998), intitulado "*Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico-1900-1950*", a autora afirma que o serviço doméstico se constituiu em uma ocupação significativa na cidade de Salvador nos primeiros anos da República, bem como as relações de trabalho eram permeadas de conflitos, incluindo episódios de roubos, furtos, que, segundo a autora, demonstram a miséria e pobreza existente em um mesmo contexto em que há uma preocupação em modernizar as cidades (PRAZERES, 1998, p. 32).

Essa idealização, também estava presente no ambiente doméstico. Segundo Maria Aparecida Prazeres Sanches (1998), a ideia do fogão e a cozinha a lenha remetia a um passado escravista e, mesmo as famílias proletárias viam como necessária a aquisição de uma empregada doméstica – ou tomar meninas para criar, já que esse ambiente era visto com certa repulsa. Assim, muitas famílias tentaram realizar reformas em suas residências a fim de

amenizar os sentimentos de inferiorização quando estivessem junto ao fogão. Outrossim, as mudanças nesse ambiente foram alinhadas às campanhas de higienização da cidade de Salvador e estabelecidas para as novas construções:

A construção dos primeiros prédios de apartamentos e as novas regras de saneamento para a construção e reformas das casas transformariam esteticamente a cozinha em um local mais ventilado e iluminado, incorporando inclusive novos utensílios como os fogões a gás. Esta transformação, entretanto, não chegaria a modificar o secular preconceito que envolvia os trabalhos nela desenvolvidos, ainda considerados sob o peso da subalternidade (PRAZERES, 1998, p. 39).

A reorganização na capital baiana e as tentativas de modernizá-la estiveram muito presentes nas campanhas eugenistas e nos discursos das elites locais. No livro *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origem e estratégias de consolidação institucional 1894-1930*, o historiador Aldo José Morais Silva (2012) ao estudar a história do IGHB demonstra, a partir dos relatos dos intelectuais do estado, a preocupação que havia por parte dos baianos em recuperar a posição de prestígio que antes detinha a Bahia e de fazê-la por meio da “reformulação da capital”.

De acordo com Silva (2012), a própria reinauguração do IGHB, no ano de 1923, foi um evento que esteve relacionado ao anseio de representar o estado como um lugar moderno e de notoriedade, e, até mesmo os ministros do governo que estavam ali presentes teriam percebido tal empenho. “O instituto era um instrumento para esse fim por simbolizar civilidade, o apreço da sociedade baiana pelo conhecimento, racionalidade” e os seus membros estariam empenhados em inserir o estado no projeto de modernização (SILVA, 2012, p. 14).

O pesquisador identifica muitos textos que evidenciaram que, se não todos, uma parte significativa dos sócios-membros do Instituto, os quais propagavam discursos de civilizar Salvador, viam como possível solução e eram favoráveis à política de embranquecimento como um elemento de superação (SILVA, 2012). As teorias raciais eram tão aceitas na época, que, mesmo se destacando em grandes obras como engenheiro e comprovando grandes habilidades, o mulato Theodoro Sampaio – um dos sócios do instituto-, conforme demonstra Silva (2012), ainda defendia como importante a imigração europeia.

Nos primeiros anos da República na Bahia, ao analisar os discursos das elites locais, o historiador Rinaldo Cesar Nascimento Leite (2012) observa que alguns intelectuais como Braz Amaral, Rui Barbosa, demonstraram sentimentos de fúria e tristeza pela situação do estado, que, no século XIX, perde o posto de prestígio na economia e política. Os relatos dos baianos da época contêm uma forte carga emocional, por vezes negativa, e se esforçaram em rememorar os tempos de glória e de construir uma representação identitária da Bahia com o uso de títulos

variados como a “rainha do norte”, “Deusa”, “heroína”, “Atenas brasileira” e refutar a memória do caboclo na figura de Catarina Paraguaçu.

Outrossim, também são mencionadas as batalhas importantes como a expulsão das tropas portuguesas no 2 de Julho e a Conjuração Baiana, ressaltando sua prevalência sob os conflitos do Sudeste (LEITE, 2012, p. 67). Essa busca por símbolos e alegorias também foi observada no âmbito nacional, como evidenciou José Murilo de Carvalho (1990) nos primeiros anos do período republicano.

Embora todos esses discursos aqui mencionados tentassem aproximar o contexto de Salvador de uma cidade civilizada. Na prática, as reformas da capital baiana têm início quase 10 anos depois das primeiras ocorrida no Rio de Janeiro. A introdução das mudanças se inicia no governo de José Joaquim Seabra, entre 1912 e 1916, com o foco no centro metropolitano. Uma das obras mais importantes de Salvador, nesse processo de remodelação, foi a construção da Avenida Sete de Setembro, porém o processo de urbanização da cidade de forma acentuada ocorreu somente da década de 40 (LEITE, 1996, p. 130; SANTOS, 1990. p.21).

Apesar das tentativas de mudanças na arquitetura nos primeiros anos da República serem pouco expressivas na capital da Bahia, acentuaram-se, sobretudo, os problemas habitacionais.

Os sobrados de dois, três ou mais andares, perdendo sua anterior função de unidade habitacional, multiplicavam-se em várias unidades de negócio e de residência (SANTOS, 1990, p.25).

Assim, era comum que esses locais se tornassem foco de doenças contagiosas e que isso fosse acentuado pelo preconceito racial e social. O aumento do crescimento populacional na capital baiana em meio às condições modestas de urbanização acentuava ainda mais as questões de saúde, que segundo o historiador Rinaldo César Nascimento Leite (1996, p. 27), desde o início do período republicano, tendo como legado do século XIX, apresenta um caráter endêmico de doenças, como a peste, a varíola, a febre amarela, a tifoide e a tuberculose.

Os aspectos da saúde e dos problemas habitacionais presentes em Salvador e em muitas das cidades brasileiras na Primeira República foram retratados por importantes observadores do período, principalmente por jornalistas e literatos. No contexto do Rio, pode-se destacar, mais uma vez, Raul Pederneiras, que com o seu grau de ironia aguçada, observou as mudanças do período e dos problemas da urbanização através das crônicas e caricaturas, além de literatos, a exemplo de João do Rio e Lima Barreto. Na Bahia, as fotografias de Pierre Verger puderam captar o cotidiano de homens comuns da cidade de Salvador na década de 1940 e retratos da nova cidade.

Os textos de Jorge Amado também trouxeram elementos que denunciaram os problemas sociais do período do novo regime e o cotidiano da população pobre no cenário da capital baiana. Todos esses escritores, apontaram a partir dos seus testemunhos as contradições e do processo de modernização, que trouxe consigo efeitos negativos para uma grande parte da população. Além disso, pode-se concluir, através dos literatos, que, apesar das tentativas de banir os velhos hábitos da sociedade, muitos dos costumes populares continuavam a existir, como as práticas culturais e a solidariedade entre as comunidades.

1.2 A LITERATURA E O ESPAÇO URBANO

Para tratar das relações entre a Literatura e a História torna-se importante realizar uma discussão sobre as ideias de Raymond Williams, que, apesar de não abordar o contexto brasileiro, possui importantes considerações sobre o tema tendo como cenário a Inglaterra. As expressões literárias são importantes representações acerca de distintas experiências humanas e foram importantes para ilustrar concepções do rural e do urbano, principalmente em cenários de transformações sociais.

Na Inglaterra, os escritos sobre a experiência de vida da cidade na literatura se desenvolvem no século XIX, em conformidade com o crescimento da cidade de Londres. Essa metrópole era retratada sob os aspectos da escuridão, da multidão, do isolamento, e por vezes descrita com certo pessimismo, sendo predominantemente ilustrada como o oposto da vida natural e ordenada do campo (WILLIAMS, 1990, p. 326).

De acordo com Raymond Williams (1990), uma das principais temáticas do século XIX sobre a cidade eram os aspectos da Revolução Industrial, e foi uma prática comum entre os escritores da época as visitas às indústrias e cidades do Norte para captar as principais transformações do período. O novo tipo de literatura desenvolveu-se ao mesmo tempo em proporção ao crescimento das cidades grandes, que, em meados do século XIX na Inglaterra, atingiu, pela primeira vez, um número maior de habitantes em relação à população rural (p.293-294).

O fenômeno das metamorfoses das cidades e as descrições sobre o espaço urbano são representados de maneiras diferentes, havia autores que tinham um interesse acentuado por temáticas como profissões estranhas do século XIX, outros por personagens excêntricos, alguns pelos crimes, pelos elementos das culturas populares (WILLIAMS, 1990, p. 294). E, conforme

analisou Raymond Williams (1990, p.309), a situação das habitações e das cidades também foram objetos das crônicas e romances, sendo Wells um dos que mais se preocupou com o tema.

O autor era um dos escritores britânicos que se horrorizava com as situações das cidades e as descreviam como ambientes onde a miséria operava e as ruas viviam cheias de lamas e oleosas devido aos resíduos das indústrias. Além disso, o espaço urbano também era descrito como um local de oportunidades para os cronistas e escritores, contrapondo-se ao campo, que, ao envelhecer, era considerado lugar para refúgio.

No contexto brasileiro, os escritores no século XIX também viam as cidades como um local para a busca de melhores oportunidades e de serem reconhecidos. Na década de 1880, uma geração de poetas e romancistas de então tomavam de assalto a grande cidade do Rio de Janeiro (PEREIRA, 1994, p. 29). Esses jovens, procedentes muitas vezes das bancas de faculdades de direito em Recife e São Paulo ou da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, apareciam como meras promessas na busca do reconhecimento e da fama (PEREIRA, 1994, p.30).

Na história da literatura, a vivência desses homens da geração boêmia é descrita como um período marcado por grandes dificuldades, esses literatos escreviam lamentos que revelaram os impasses de viver das artes e as dificuldades de sobrevivência na corte. Esse espaço urbano, o Rio de Janeiro, em que viviam, é retratado nos escritos dos homens de letras – Olavo Bilac, Machado de Assis, Coelho Neto – como um cenário em que muitos passavam por apuros financeiros cotidianos e se constituiu em importantes relatos para a História Social.

Pereira (1994) afirma que, mesmo para os que já viviam das letras, havia situações em que passavam por apuros.

Sobrevivendo da renda que podiam tirar da literatura, escritores como Coelho Neto, Guimarães Passos e Olavo Bilac passam assim sua juventude no Rio de Janeiro, entre cortiços e casas de cômodo, dependendo muitas vezes do favor alheio para se alimentar (PEREIRA, 1994, p. 45)

Porém, apesar das circunstâncias, encontraram nestes locais alternativas para sobreviver da arte concomitantemente ao emprego em jornais. Somente Machado de Assis teria se consagrado como romancista no Brasil com a publicação do livro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881, os demais, viviam tentando o seu lugar ao sol (PEREIRA, 1994, p. 29). Mesmo assim, conforme observa o historiador Leonardo A. de M. Pereira (1994, p.44), Machado de Assis tendo se tornado um grande literato, quando jovem passava por perrengues financeiros e recorreu à empréstimos.

Nos próprios textos dos escritores há menções sobre a impossibilidade de viver somente das letras no país e que, embora participassem de eventos e fossem prestigiados nas folias de carnaval ou abordados por pessoas na cidade do Rio de Janeiro, poucos obtiveram projeção econômica (PEREIRA, 1994, p.42). Por razão dessas circunstâncias em que viviam, era comum a atuação em jornais de muitos escritores, mesmo que houvesse casos em que a vissem com certa repugnância e inconformados.

Além disso, segundo Tânia de Luca (2005), era quase um pré-requisito no século XIX e início do século XX que os grandes escritores tivessem como precedência produções literárias em periódicos. Pereira (1994, p.32) afirma que é a partir desse lugar social na produção de jornais e artigos no fim do século XIX, que a produção literária se distância de temáticas românticas que tinham como fim a afirmação da nacionalidade, esses escritos, por vezes, retratavam aspectos do mundo rural.

Os romances desses escritores assim como as descrições das condições em que viviam nas cidades remetiam aos problemas e ao retrato do país. Aluísio de Azevedo, ao escrever o livro *O Cortiço* (1890), retrata as moradias em que viviam os seus personagens na cidade do Rio de Janeiro. Em lugares abafados, morando junto com as galinhas. *O cortiço*, que tem como personagem central do livro João Romão, faz alusão às condições de precariedade das habitações na então capital brasileira, locais em que viviam muitos negros e pobres.

Além disso, o livro também faz referência aos aspectos citadinos cariocas como o costume de João Romão, homem de posse, de frequentar às charutarias; descreve a localização da Rua do Ouvidor e faz menção à circulação dos bondes nas ruas. O deslocamento que fazia parte do cotidiano da multidão no Rio de Janeiro, que iniciava a rotina nas primeiras horas da manhã nos centros urbanos eram locais apertados e foi descrito nas crônicas de Lima Barreto (SEVCENKO, 2003, p.77).

Nessas horas as estações se enchem, e os trens. Mais cheios porém descem os que vêm do limite do Distrito [Federal] com o estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhando e os vãos entre eles como que trazem a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé num carro e o outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns, mais ousados, dependurados no caminhão de ferro, com o único pé no estribo do veículo (BARRETO, Lima, apud: SEVCENKO, 2003, p.77).

Era dessa forma que os trabalhadores iriam disputar a sobrevivência, no aperto dos veículos coletivos nos grandes centros urbanos e tal descrição era o reflexo da alta densidade populacional no Rio, sendo essa forma de locomoção uma das únicas alternativas que restavam para a grande parte dos cariocas. Espaço de muitos cortiços, dos morros e das altas taxas de

desemprego. João do Rio chegou a caracterizar os indivíduos que viviam em empregos em condições de miséria na cidade (SEVCENKO, 2003, p. 77).

Todos esses pobres seres vivos vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores à vida das cidades daquele axioma de Lavoisier-nada se perde na natureza. (RIO, apud SEVCENKO, 2003, p. 77)

Essas ocupações, que eram úteis para manter a cidade limpa, foram descritas como “profissões de miséria” por João do Rio, eram os catadores de lixo, caçadores de ratos, caçadores de gatos, catadores de resíduos de chumbo, entre outros (SEVCENKO, 2003, p. 77). Esses escritores também detalharam as moradias das populações pobres, a configuração do subúrbio também como locais habitados por funcionários públicos, que, de acordo com historiador Nicolau Sevcenko (2003, p.76), nesse contexto era uma profissão subalterna, em que o salário era suficiente somente para não morrer de fome.

Sobre os subúrbios, Lima Barreto descreve:

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas nas covas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população pobríssima vive sob a ameaça constante de varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. (BARRETO, L., apud; SEVCENKO, 2003, p.76)

Essa parte do espaço urbano, de acordo com a observação do romancista, além de apresentar condições estruturais precárias “de caráter duvidoso”, ainda se constituía como foco de doenças, que de certo modo, também era consequência da primeira. É a partir dos escritos como os de Lima Barreto que as interpretações literárias sobre o espaço urbano e as suas transformações, permitiram prescrutar o cotidiano histórico. De acordo com Sevcenko (2003, p. 32), a literatura permite iluminar a realidade e elucidar as tensões históricas de um determinado período “e o conhecimento desta contribui para deslindar os interstícios da produção artística”.

1.3. O MODERNISMO

Como demonstrado na literatura, antes mesmo do período moderno, os escritores, já eram em sua maioria engajados e procuravam mostrar a situação das camadas marginalizadas da sociedade. Os problemas acentuados pela urbanização, os aspectos dos cotidianos nos

grandes centros e os romances realistas, que escancararam a hipocrisia brasileira e as permanências dos costumes do período da escravidão, já eram temas retratados antes do século XX e do modernismo, em obras como *Helena* (1876) e *Memória Póstumas de Brás Cubas* (1881) do autor Machado de Assis, considerado o maior representante do realismo no país.

Outro grande exemplo brasileiro, foi Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões* (1902). Entendida com certa divergência, já que alguns críticos a denominaram como sociológica, histórica ou literária, é hoje um consenso de que há elementos reais e imaginários no livro e a sua importância em retratar os aspectos sociais. O escritor que relatou em sua obra o conflito de Canudos, teria inspirado grandes nomes do modernismo e influenciado algumas obras do movimento como o livro *Urupês* (1918) do romancista Monteiro Lobato e a obra *Vidas Secas* (1938) do escritor Graciliano Ramos (BERNUCCI, 1995, p. 19-20).

As semelhanças se fazem presente entre Monteiro Lobato e Euclides da Cunha até mesmo nas descrições em que ficam evidentes as variações, é considerável a existência da distância entre o clima da caatinga e do ambiente em que vive o caboclo de outras regiões do país, e mesmo assim as descrições desses locais são correlatas, do mesmo modo, os costumes e as superstições do caipira do sul e do sertanejo do Nordeste, apesar das diferenças nos aspectos culturais das regiões, são postos como afins ou idênticos (BERNUCCI, 1995, p. 93). Como demonstrou Bernucci (1995), é evidente a imitação da escrita de Euclides por parte desses autores em suas obras e que o escritor fluminense esteve no limiar do modernismo (p. 96).

Desse modo, como demonstrado nos exemplos acima, já vinha ocorrendo, desde o final do século XIX e início do século XX, um distanciamento das tradições românticas e naturalistas no campo literário, ainda que esses elementos estivessem presentes nos escritos como a obra *Os Sertões* (1902). O modernismo teve como principais inovações o surgimento da nova geração de romancistas, do Nordeste em particular, mas também de outros autores fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo (ARRUDA, 2011, p. 196).

Essa geração de escritores que ficaram reconhecidos como importantes literatos da década de 30, pertencia à segunda fase ou segundo grupo do modernismo. De acordo com Arruda (2011, p.193), esses romancistas tinham características particulares e eram singularizados pelas narrativas de cunho marcadamente preocupadas com os problemas sociais, “reconhecida pelo caráter empenhado de sua escrita, pela condição de retratistas privilegiados das injustas realidades locais e regionais, pela incorporação na narrativa dos pobres, dos trabalhadores comuns, dos marginalizados sociais, das mulheres, das crianças”.

Destacam-se nessa geração do modernismo que, segundo Arruda, era disfarçado de um regionalismo, os escritores José Américo de Almeida (1887-1980), Graciliano Ramos (1892-

1953), José Lins do Rego (1901-1957), Raquel de Queiroz (1910-2003), Jorge Amado (1912-2001), nomes que, além de pertencerem a mesma região, eram herdeiros de famílias da elite agrária, mesmo que muitas dessas estivessem em decadência (ARRUDA, 2011, p. 193). Além disso, por se engajarem em questões sociais e políticas, o próprio Oswald de Andrade teria feito menção às bandeiras vermelhas carregadas pela nova geração, ou seja, eram descritos como comunistas (ARRUDA, 2011, p. 195).

O chamado romance regionalista foi uma combinação do modernismo com a assimilação da oralidade e era comprometido com a realidade brasileira (ARRUDA, 2011, p. 202-203). Desde o início da sua manifestação em São Paulo, o modernismo em sua primeira fase, era comum entre os poetas e romancista viajarem pelo país em busca do mais verossímil retrato nacional. Essas viagens motivaram o empenho entre as tradições modernas e a linguagem nacional, além disso, a mobilização de ir ao encontro dos retratos brasileiros por um redescobrimto do país foi denominado por Oswald de Andrade como Movimento Pau-Brasil (SEVCENKO, 1992, p. 295).

O berço deste movimento se deu no centro paulista, as suas primeiras expressões são iniciadas em 1919, quando Paulo Prado, filho do conselheiro Antônio Prado, toma a iniciativa de instalar uma Exposição de Pinturas Esculturas francesas no Teatro Municipal de São Paulo. Não existia ainda nesse período um mercado legal consistente para as artes, era nas casas de particulares, pessoas recém-chegadas da Europa que os jovens interessados em artes se reuniam (SEVCENKO, 1992, p. 235).

No decorrer da década de 20, conforme afirma Sevcenko (1992, p. 236), várias exposições eram realizadas em São Paulo, exibições da artista Anita Malfatti, John Graz, a Exposição da Arte Moderna Japonesa. Destacou-se também as peças de teatro, os pianistas e grandes maestros da cidade. A peça de Afonso Arinos, *O contratador de diamantes*, segundo o historiador, chamou muita atenção por representar aspectos da realidade brasileira e ganha destaque nesse contexto, a pianista Guiomar Novaes também recebeu o prêmio de piano do Conservatório de Paris, de acordo com o historiador, a artista seria de longe o maior sucesso artístico do Brasil no exterior (1992, p. 251).

A pianista e o maestro Villa Lobos eram o centro dos espetáculos da Semana de Arte Moderna de 1922 (SEVCENKO, 1992, p. 273). A Semana foi iniciada em 13 de fevereiro daquele ano e teve apresentações culturais das obras dos poetas Mario de Andrade, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, das obras de Tarsila Amaral, que tinha acabado de retornar da Europa, Luís Aranha. Entretanto, apesar de contestar as tradições europeias, o

historiador Sevcenko (1992, p. 270) afirma que muitos artistas a exemplo de Mario de Andrade e Luís Aranha ainda estavam imersos na mais recente poesia francesa.

Essas primeiras influências do movimento modernista que tinham como anseio a valorização da cultura nacional e o desprezo pelo europeísmo tradicional ciente da sua originalidade e confiante em um padrão de identidade como algo superior em um contexto de inovação em todos os aspectos (SEVCENKO, 1992, p. 237) representou uma revolução no campo artístico e apesar de serem alvos de críticos, deram as bases para a literatura e as suas invenções estéticas posteriores.

A partir da década de 1930, em que há a visibilidade e inserção dos autores do Nordeste no cenário literário brasileiro entra em cena os aspectos de uma realidade que antes era desconhecida, essa geração empenhava-se de forma mais atenta em retratar o cenário dos personagens e a marginalidade social (ROSSI, 2009, p. 24). Além de assumirem em muitos casos um viés político e ideológico.

A visibilidade de outros autores na literatura da segunda geração do modernismo e a inserção de “novos” romancistas, como Jorge Amado, permitiram um retrato dos problemas dos grandes centros urbanos, em locais que também apresentaram traços da modernidade e passaram pelo processo de urbanização, como no caso de Salvador. As suas obras permitem analisar os cotidianos dos proletários nascentes e o início do que os historiadores denominaram como “romance social” (ROSSI, 2009, p.25).

Segundo Luiz Gustavo Freitas Rossi (2009, p.25), com a exceção da obra de estreia, *O país de Carnaval* (1931) em todas as produções do autor na década de 30, havia encargos ideológicos. Dessa forma, os romances de 1930 por assumirem uma conotação política em grande parte das suas obras, além dos aspectos culturais de importantes regiões brasileiras, constituíram uma grande referência para o período.

1.4 JORGE AMADO E O ROMANCE SOCIAL

O romancista baiano Jorge Amado nasceu em 1912, na cidade de Itabuna-BA, e foi um dos poucos escritores que era fortemente envolvido com as questões tanto sociais, quanto históricas do país. O escritor, assim como outros literatos nesse contexto, iniciou no mundo das letras atuando em jornais, estando envolvido nas atividades de redator desde a adolescência. A sua assinatura esteve estampada em artigos da imprensa do Rio de Janeiro e da Bahia, e em 1933, com apenas 21 anos de idade, já era chefe-redator da revista *Rio-Magazine* (DUARTE, 2015, p.104-5).

O autor, hoje considerado o mais lido romancista brasileiro, além de retratar os aspectos da história do país, demonstrava nos seus escritos que possuía fortes concepções políticas, posições que eram assumidas nas ações dos seus personagens (FERREIRA, 2010, p. 7; PALAMARTCHUK, 1998). De acordo com Ferreira (2010, p. 2), o contexto das desigualdades e a exclusão da maior parte da população e da permanência das velhas oligarquias, justificava o porquê de o imaginário soviético ter ganhado força no Brasil e a esperança de implantar uma revolução desse caráter no país.

Assim como outros escritores da sua época, o romancista também foi influenciado pelas concepções soviéticas, o baiano, assim como outros exemplos – João Falcão, Aristeu Nogueira – demonstraram de forma evidente as leituras de textos comunistas e a exposição de elementos dessa natureza em seus textos publicados (FERREIRA, 2010, p.7.). Amado ingressou no Partido Comunista Brasileiro- PCB em 1932, também por influência da escritora Rachel de Queiroz (SANTANA, 2017, p.32) e teria assumido uma posição de militância política ao longo da vida.

Os seus textos são descritos por ele como romances socialistas, em que é retratada a realidade pura, do jeito que ela é, embora essa característica seja problemática e a veracidade seja impossível de ser captada como um todo (FERREIRA, 2010. p.9). Ao atestar ser um escritor de romances socialistas, Amado negou ser adepto ao modernismo. Atuante desde cedo da Academia dos Rebeldes-AR, agremiação baiana que foi datada oficialmente em 1928, que tinha como objetivo institucionalizar a literatura e consagrar os seus autores integrantes, demonstrando a insatisfação com a influência das artes portuguesas e francesas, para ele, os jovens da AR não se pretendiam como modernistas, mas sim como modernos (SANTANA, 2017, p.74-76; 84)

Desse modo, apesar de Jorge Amado admitir a quebra de alguns padrões estéticos dos modernistas, menciona que esses nada construíram (SANTANA, 2017, p. 88). Afirmava isso, pois, de acordo com ele, não havia entre esses escritores a preocupação de rompimento com as tragédias e misérias que eram demonstradas de forma utópica em seus romances. O autor tentou se desvincular do movimento modernista e atestou sobre os integrantes do AR um conhecimento sobre o povo que os primeiros não possuíam (SANTANA, 2017, p. 85).

O indiscutível é que, o literato, assim como muitos escritores do contexto da Primeira República, tentou apreender elementos do contexto e retratar os problemas nacionais da época, como a prostituição, a miséria, o proletariado nascente, a luta de classes. Nas suas obras, esses personagens, assumiam quase sempre papéis de vítimas da sociedade, a exemplo das

prostitutas, que nunca escolhiam a profissão porque queriam, mas sim em razão das condições em que viviam (ROSSI, 2009, p. 25; PALAMARTCHUK, 1998, p. 345).

Além disso, são levantadas questões como as situações de pobreza das crianças que viviam nas ruas, tornando-se muitas vezes delinquentes, as condições dos trabalhadores dos cais e as faltas de perspectivas desses sujeitos, que tinham os seus destinos já conhecidos e traçados, os aspectos raciais, que eram tão presente nesse contexto vivido pelo Brasil, representado pelas situações de preconceito vivenciadas pelo personagem Antônio Balduino, e as soluções posta nos enredos era sempre a busca pela consciência de classe (PALAMARTCHUK, 1998).

O tom de denúncia das questões sociais é evidente em seus escritos. O autor se posiciona em muitas das obras como personagem e um importante testemunho dos acontecimentos em que é retratado o contexto baiano. Ao denunciar os problemas e as situações de miséria da capital, Jorge afirma que ele sim era um realista (PALAMARTCHUK, 1998, p. 343). Apesar dessa veracidade absoluta afirmada pelo baiano em 1990 não ser possível, por apresentar aspectos históricos e sociais já retratados acima, os seus escritos possibilitaram a compreensão do cenário da Bahia em seus primeiros anos da República.

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DE ELEMENTOS MARXISTAS NA OBRA *SUOR*

2.1 CADERNOS DE APRENDIZ DE ROMANCISTAS

Os textos do escritor Jorge Amado, nos seus primeiros anos, não somente apresentaram aspectos da modernidade, como também retrataram aspectos políticos e suas posições ideológicas. Os seus três primeiros livros: *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), constituiu aquilo que o baiano denominou de fase dos “cadernos de aprendiz de romancistas”, e é intitulada por ele dessa maneira, pois, considera a existência de várias falhas e diversos críticos literários o descreveram como inferiores comparados as outras obras que escreveu ao longo da vida, que são de maior “maturidade” (MIRANDA, 2014; SILVA, 2021).

Em *O país do Carnaval* (1931) há uma demonstração de aspectos característicos da cena moderna, através do seu personagem principal, Paulo Rigger, um bacharel em Direito recém-chegado na Bahia, que, ao retornar de Paris, vive atormentado por uma tristeza e indignado pelos costumes dos baianos e pelas características da cidade, que se encontrava distante dos desígnios de uma metrópole civilizada, bem diferente da Europa. Esse personagem representaria o pensamento de uma elite da época, que queria se distanciar dos costumes coloniais (AMADO, 2010).

Dentre esses livros dos “cadernos de romancistas aprendiz” são nas obras *Cacau* (1933) e *Suor* (1934) em que há uma perspectiva voltada para os elementos de classe, e que é evidenciado uma abordagem com maior ênfase para os problemas sociais. Há nesses dois romances o desejo do autor por mudanças sociais e é perceptível a existência de uma influência comunista nos textos (FERREIRA, 2010; ROSSI, 2012).

No primeiro livro, os elementos ideológicos são percebidos a partir da descrição da vida dos trabalhadores nas fazendas de cacau. Nele, um dos elementos evidenciado na narrativa, diz respeito a uma perspectiva de classe, na passagem em que, o personagem principal, conhecido como Sergipano, de nome José Cordeiro, se apaixona pela filha do patrão, que era o fazendeiro da plantação de cacau, conhecido como Mané Frajelo. A filha do dono da fazenda se declara para Sergipano dizendo que gostaria de casar-se com ele, ao invés de aceitar vivenciar esse sentimento, o funcionário afirma não abrir mão de sua causa política para casar-se com ela, e diz ter amor pelos operários e sua classe indo a São Paulo encontrar o seu amigo, o ex-funcionário da fazenda Colodino, que lhe chamava para a luta de classe (AMADO, 2010, p. 139).

Na obra *Suor* (1934) também há vários elementos que demonstram esses traços ideológicos. Segundo Rossi (2012), nesse livro há uma forte inspiração soviética e a obra se constitui uma demonstração dos romances proletários que remetia à literatura do Partido Comunista, o qual, após 1917, começou a definir uma série de diretrizes acerca do papel e das funções dos escritores na formação daqueles que aderiam àquela causa (p.25).

O historiador Geferson Santana (2020, p. 61), ao discutir se a obra se constitui ou não como um romance proletário, cita o autor Murilo Mendes, que problematiza essa ideia, ao afirmar a existência de uma aproximação do livro do escritor com a categoria “romance proletário” se comparado ao livro *Parque Industrial* da escritora Patrícia Galvão, por exemplo. Entretanto, faz uma ressalva apontando uma impossibilidade de fazer um livro de tom proletário, sem o autor estar integrado ao mundo do trabalho, sendo necessária uma vivência operária (SANTANA, 2020, p. 61).

Nesse sentido, o que é possível considerar a partir dos estudos sobre o escritor e da entrevista que Jorge Amado cedeu à Alice Raillard, é que houve um esforço do autor em se aproximar dos traços de uma escrita proletária que estivesse alinhada com os princípios soviéticos, percebidos através dos elementos textuais escritos em suas obras, em que há uma polarização entre pobres *versus* ricos.

Uma crítica à categoria burguesa também pode ser observada, mesmo que, de forma ínfima, em outros escritores como os modernistas da primeira geração, que, apesar de não possuir um compromisso social como a terceira geração, representa um fenômeno estético que viria antes da década de 1930, que eram as críticas aos burgueses. Em *Paulicéia Desvairada* (1922), o escritor Mario de Andrade já escrevera um poema *Ode ao burguês*, em um dos trechos, o autor escreve: “Morte à gordura! Morte às adiposidades cerebrais! Morte ao burguês-mensal! Ao burguês cinema! Ao burguês-tílburi!” (2019, p.45), porém, essa crítica tinha uma tendência mais contra as mudanças e os aspectos da burguesia em relação à cena moderna, do que tratar de uma perspectiva em defesa dos operários.

Dessa maneira, é em face ao contexto da década de 1930 em um ambiente de tensões políticas brasileiras, que há uma crescente radicalização de posições ideológicas na época, em que uma geração de intelectuais se mostra sensibilizada em torno dessas questões de classe, escritores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e outros (ROSSI, 2012). Foi nesse período, entre os anos de 1920 e 1930, que o cientista social Michael Lowy (2003), no livro *O marxismo na América Latina*, evidenciou uma tendência de movimentos de caráter revolucionário marxista no continente e o aparecimento das correntes comunistas, resultando na fundação dos partidos nesses países (p.9;14).

Jorge Amado foi influenciado por essas correntes e entre os seus três primeiros livros publicados, foi afirmada uma pretensão pelo autor em aproximar a obra *Cacau* (1933) dos ideais socialistas. Além disso, mencionado por ele na entrevista concedida em 1985, que as publicações de dois dos seus primeiros romances, *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), marcaram a sua aproximação com os traços de uma escrita da esquerda e com uma literatura proletária dos anos 20, soviética de primeira fase, e com os escritores americanos que surgiam (VIEIRA, 2012, p.22).

A obra *Suor* (1934), de acordo com Geferson Santana (2020) teve um caminho diferente de *Cacau*, por exemplo, pois seu primeiro rascunho é de 1928, e Jorge Amado a considerou um “documento vivo”, mostrando uma preocupação em escrever o que viveu, porém, como descrito até aqui, não deixa de se relacionar com um engajamento em relação às literaturas socialistas e com as correntes ideológicas da época, a exemplo do próprio marxismo.

2.2 SUOR : CONFLITOS DE CLASSE

O materialismo histórico de Marx, habitualmente definido por correntes específicas como determinismo econômico, e a influência do autor através das suas abordagens sobre a questão social, deram bases para o entendimento de uma história como uma sucessão de sistemas socioeconômicos (HOBSBAWM, 1997, p.156). Essas dimensões e a influência marxista desempenhou um papel importante na historiografia e esteve voltada para os estudos do próprio Marx e para estudos dos movimentos inspirados no seu pensamento (p.157).

Além dessa importância para um arcabouço teórico, que influenciou em uma escrita pelos historiadores sobre o que Eric Hobsbawm (1998) descreveu no seu livro intitulado *Sobre História* como um “marxismo vulgar”, que consistiu em uma ênfase sobre os fatores econômicos e social da história (p.160), de acordo com Marshall Berman, o escrito, *O Manifesto Comunista* de Karl Marx, também se constituiu como um arquetípico de um século inteiro de manifestos e movimentos modernistas (BERMAN, 1986). Sobre a obra e os seus elementos imaginativos, que, segundo o autor, conduziria a história trágica para um final feliz, e é caracterizada como uma obra modernista, é mencionado:

Quer esse final chegue realmente a acontecer, quer não, o *Manifesto* é notável por seu poder imaginativo, sua captação e expressão das possibilidades luminosas e ameaçadoras que impregnam a vida moderna. Ao lado de tudo o mais que é, o Manifesto é a primeira grande obra de arte modernista (BERMAN, 1986, p.100).

Desse modo, Marx a partir das descrições sobre a vida burguesa descreve elementos sobre os aspectos da modernidade, ao traçar as transformações feitas pela burguesia, que foram

os sujeitos responsáveis pelas principais mudanças na vida de mulheres e homens modernos (Berman, 1986 p.103). Porém, as criações desses grupos e os efeitos da modernidade são vistos pelo o autor de forma trágica. “Para ele, as roupas são laceradas, os véus são rasgados, o processo da nudez é violento e brutal”, e apesar disso, esse trágico movimento é o que conduzirá o movimento moderno para um final feliz, por meio do comunismo (Idem, p.104).

Essa imagem sobre a burguesia no livro *O Manifesto Comunista* (1948), assim como outros textos de Marx que evidenciaram aspectos sobre uma transição do mundo feudal para o capitalismo, determinou para esse autor a originalidade na introdução do conceito de classe e lutas de classe na história (HOBSBAWM, 1997, p.156). Tais ideias influenciaram não somente pesquisas historiográficas, mas também escritos literários na América Latina (LOWY, 2003). E no livro *Suor* (1934), como já descrito no tópico anterior, há a presença desses elementos (AMADO,2011).

Essa influência marxista é percebida no livro do escritor Jorge Amado na descrição dos moradores do cortiço e nos conflitos que aparecem ao longo do texto, em que há sempre a presença de elementos de classe. Nesses conflitos narrados no livro, uma das características que se apresenta, é a presença dos estrangeiros como os principais porta-vozes e conhecedores das correntes políticas de esquerda. Essa perspectiva, evidencia a presença de aspectos do contexto histórico brasileiro presente no texto, em que houve uma disseminação das ideias marxistas por imigrantes alemães, italianos, espanhóis, por volta do final do século XIX no contexto latino-americano (LOWY, 2003, p.14).

Entre os personagens gringos, os mais recorrentes e citados pelo autor são eles: Isaac, um propagandista que aparecia sempre com um manifesto no bolso, o anarquista, Álvaro de Lima, e o judeu velho, esses personagens estão sempre em torno das narrativas dos conflitos e atentos aos elementos de classe, já que são conhecedores da Revolução de 1917 ou engajados com uma leitura socialista. Por terem um contato com os elementos da leitura soviética, são sempre representados com um papel de protagonistas nos conflitos e evidenciam essas características em falas ou discursos (AMADO, 2011).

É o que acontece, no caso do personagem Joaquim, em que Álvaro de Lima, após saber toda história sobre o acidente que acometeu o trabalhador, menciona uma frase que se aproxima dos modelos inflamados de manifestos políticos. O caso do personagem chama atenção, por se tratar de uma exploração do trabalho, que era uma das principais questões contestadas pela esquerda. O problema da exploração por parte dos patrões, constituía em uma das motivações de várias greves ocorridas nas primeiras décadas do século XX no Brasil, e, de acordo com o

historiador Badaró Mattos (2009), era comum que em todas as fábricas do país, nesse período, as jornadas fossem superior às 10 horas diárias (p. 42).

O personagem de Joaquim não era um operário fabril, trabalhava no ramo da construção civil de ajudante de pedreiro para um homem rico, residente no bairro Garcia, e, no momento do acidente, estava em cima do andaime aparando os tijolos, quando o patrão chegou, como é relatado a história por seu amigo:

-O doutor foi visitar os trabalhos. Achou tudo atrasado. Xingou a gente de preguiçoso, de ladrão...Que a gente tava roubando o dinheiro dele sem trabalhar. Eu só queria ver ele aparando os tijolos...

-Exploradores!

-Mandou apressar tudo. O Zé Mãozinha, que tava jogando os tijolos, aumentou a ligeireza...Joaquim se atrapalhou, o tijolo bateu no meio da testa, entupiu os olhos de poeira, ele caiu do andaime...Que queda, gente! Parecia um saco...

(...)

-A Assistência demorou, a gente botou Joaquim num caminhão, trouxe pra casa. A polícia apareceu logo. Prenderam Zé Mãozinha, coitado!

- E o doutor ficou lá?

-Pegou o automóvel, veio embora...

-Filho da puta!

Álvaro Lima se levantou e falou:

-Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos...É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender...Para a revolução dos operários...É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido, para acabar com as explorações...com os governos podres e ladrões...Fazer um governo de operários e camponeses... (AMADO, 2011, p. 62-63).

Nesse relato, Joaquim parece ter sido prejudicado pelo fator do tempo, quando o baiano representa, através da reclamação do patrão ao trabalhador, que o serviço estava devagar e os funcionários lhe roubavam quantias, em um período em que, a ideia de que tempo é dinheiro estava determinada. Essa concepção de tempo associada à mercadoria, é analisada pelo historiador inglês Edward Thompson (1998), ao discutir no livro *Costumes em Comum* sobre as relações entre a *gentry* e os pobres na Inglaterra do século XVIII, que demonstra, através de vários relatos e livros, os aspectos de um pensamento da época sobre a administração do tempo, como textos instrucionais sobre a importância de acordar cedo, de hábitos para poupar tempo com o fim de melhores propósitos, e a presença de novos hábitos de trabalho que impôs uma nova visão sobre o tempo (p.296-297).

O grito de Álvaro Lima representou uma manifestação de indignação contra a situação existente em que viviam grande parte da população pobre do Centro de Salvador, que se viam obrigados a aceitar condições ruins de trabalho pela situação na qual viviam, aspecto denunciado pelo autor. Também evidencia a influência das posições políticas que estavam sendo introduzidas no contexto brasileiro, assumida pelo autor em 1932, momento em que Jorge Amado ingressa no Partido Comunista Brasileiro- PCB, fundado em 1922 (SANTANA, 2017), onde os membros do partido se apresentavam atentos principalmente às questões laborais.

Essa oposição entre ricos e pobres, que aparece no discurso de Álvaro Lima, sendo os primeiros, os exploradores e os segundos, explorados, evidencia uma relação de conflito existente entre essas duas categorias e a presença de uma influência dessas leituras na escrita do autor. Tal antagonismo e a existência de um mundo dividido em duas classes, fazem parte da base das ideias marxistas. De acordo com Karl Marx, no seu livro *Manifesto Comunista* (1848), a história de todas as sociedades é conduzida por uma luta de classes, e, com a ascensão da burguesia moderna, as condições de opressão posta aos proletários, nova categoria existente, se tornaram mais acentuadas (2005, p.40).

Dessa forma, Marx (1848), formula uma teoria que põe em conflito direto os burgueses, que são aqueles grupos que detêm os meios de produção social, e os proletários, que são os que possuem a mão-de-obra. Entretanto, defende que essa oposição existe também nas associações mais antigas de trabalho (2005, p.40). Essas relações, que na perspectiva de Marx, estabelece a posição do proletário como inferior, só poderiam ser superadas, quando o poder político pudesse ser conquistado pelo proletariado com a derrubada de uma supremacia burguesa (MARX, 2005, p. 51). Tal solução, é apontada por Álvaro de Lima contra a exploração como a que vivenciou Joaquim, ao apontar a necessidade de se criar um governo de operários e camponeses.

Após um mês do acontecido com Joaquim, a viúva passou a não dar conta do trabalho devido ao aumento das responsabilidades com os filhos. Por conta disso, passou a viver de caridade, entregando de porta em porta um requerimento que contava a situação que vivia. A repudia pelo patrão de Joaquim e pela classe a qual ele pertencia, também pode ser percebida pela esposa do ajudante de pedreiro. Além de Álvaro de Lima, a mulher também demonstrou entender o que aconteceu com o seu esposo e em uma das suas saídas em prol de pedir ajuda, aponta os ricos como culpados pela morte do homem (AMADO, 2011, p.64).

Em um determinado dia, visitando uma casa na Barra, entregou o requerimento a empregada e a patroa mandou avisar que não tinha dinheiro, já ia embora quando os residentes saíam da garagem, a mulher deu um pulo para não ser atropelada e o chofer gritou:

-Sai daí traste!
 O casal olhou desconfiado.
 -O que é que está fazendo aí?
 -Eu sou a mulher do requerimento...Já ia embora...
 A esposa sussurrou:
 -É capaz de ser uma ladrona...
 Mas a mulher ouviu:
 -Ladrona não, senhora.
 -Cale a boca!
 -Ladrona não, senhor. Meu marido morreu porque um ricasso tinha pressa. Eu estou doente mas não preciso do seu dinheiro amaldiçoado.
 -Puxa daí, senão chamo o guarda.

-Chame quem quiser! Ladrões são vocês, que enriquecem com o nosso suor! Ladrões!Esse automóvel foi comprado com o suor de meu marido! (AMADO, 2011, p.64).

Essa posição adotada pela personagem, de afirmar que esses moradores do bairro da Barra são ladrões, pois enriquecem com o suor dos empregados, ao defender que o automóvel seria fruto do esforço dos trabalhadores, também remete aos elementos marxistas, os quais defendem que o desenvolvimento da burguesia e a acumulação do capital é resultado do trabalho (MARX, 2005, p.46). Esses elementos, demonstram que a obra já dispõe de traços de uma literatura de propaganda política, e que aqueles rabiscos de 1928, já tinham muitas influências das literaturas soviéticas. Tais aspectos podem ter sido inseridos no texto em suas edições, como é relatado por alguns autores como Rossi (2017) e Geferson Santana (2017).

Outro caso semelhante é o exemplo de Artur, o inquilino também passou por um acidente de trabalho e teve o seu braço alimentado por uma máquina, e a solução tomada pelo dono da empresa foi lhe arranjar um lugar diferente para trabalhar, que lhe possibilitasse utilizar o outro braço, e, novamente, a máquina mutilou o último braço que lhe restava. Diante dessa situação, o patrão teve pena, mas, Jorge Amado descreve que tinha mais pena era do seu dinheiro, explicou a sua consciência que não tinha culpa e continuava a viver em paz.

Até que os outros trabalhadores, não aceitando a situação que acometera o seu colega, fizeram uma greve e só assim o patrão teve um rasgo de generosidade (AMADO, 2011, p. 39). Essa união dos trabalhadores em prol da mobilização da greve, como uma forma de conseguir pequenas conquistas e as semelhanças na representação das histórias desses sujeitos era mais um elemento que os tornavam uma unidade.

Outro episódio que evidencia um aspecto de classe, mas que também há a presença do componente racial, que marca o período vivenciado no Brasil, em que há a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, é o episódio que envolve o Preto Henrique. O rapaz perguntava a sua tia sobre as histórias da escravidão:

-Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?

-Que histórias?
 -Essas histórias de escravidão...
 -O que é que tem?
 -Você vai esquecer todas elas.
 -Quando?
 -No dia que nós for dono disso...
 -Dono de quê?
 -Disso tudo...da Bahia...do Brasil...
 -Como é isso, meu filho?
 -Donos dos bondes...das casas...da comida...
 -Quando isso, meu filho?
 -Quando a gente não quiser ser mais escravos dos ricos, titia, e acabar com eles...
 -Quem é que vai fazer feitiço tão grande pros ricos ficar tudo pobre?
 -Os pobres mesmo, titia.
 -Ah! Já sei! Cabaça e esse gringo velho falando nisso. Indagora tavam conversando aqui. Mas isso não vai haver, meu sobrinho.
 -Por quê ?
 -Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele (...)
 (AMADO, 2011, p.35).

Na representação acima, do diálogo de Pedro e sua tia, o personagem demonstra encontrar a solução às condições em que vivia e dos negros no embate de classe entre os negros e ricos, e a sua tia chama atenção afirmando que *negro é escravo e não briga com branco*, que demonstra por parte da sua tia uma atenção para os aspectos raciais. O autor já nesse período atenta-se para esses problemas brasileiros que haviam na Primeira República.

A multa que seu Samara, o dono do Cortiço 68, recusou-se a pagar, onde havia focos de mosquitos encontrados na latrina, também é representado por Jorge Amado como um conflito de classe. O pagamento deveria ser feito ou pelos moradores ou pelos locatários, e os inquilinos, assim como os proprietários se recusavam a pagar. Seu Samara contestava não ter culpa: “Eu não tenho culpa dessa imundície. Vocês sujam porque são uns porcalhões!” e uma moça contestava “- A gente trabalha o dia todo. De noite é que a gente varre os quartos... quem tem tempo de cuidar da latrina?”, em meio à confusão, seu Samara finalizou: “- Tá bem...Não precisa briga! Eu pago!” (AMADO, 2011, p.123-124).

O autor, ao representar essa situação, admirava não ouvir se quer uma voz discordante dos moradores em favor do proprietário, que, apesar das indiferenças, se uniam. Esse fragmento do texto demonstra a posição adotada pelo autor, ao defender o confronto de classes e a união dos proletários como uma via de mudança possível. A partir desse momento “eles compreenderam que não era tão difícil a multidão se rebelar. O proprietário deixou de ser um tabu” (AMADO, 2011, p. 124).

Ao transmitir nessa passagem, o autor defende a ideia de que há a possibilidade de um embate e contestações entre essas duas classes, sendo essa uma forma dos trabalhadores de conseguirem transformar a realidade e as relações de poder estabelecidas entre os proprietários e inquilinos, semelhante à reflexão feita por Karl Marx (1848). Nesses relatos dos conflitos, há

uma ênfase do escritor em representar um antagonismo face a face, sempre em um dilema de oposição entre as duas classes.

As características evidenciadas dos conflitos de classe narrados por Amado, sempre posto de modo realizado face a face, demonstram um afastamento do caráter de “documento vivo” da obra, que foi atestada por ele, e a aproxima mais de uma propaganda política favorável ao materialismo histórico, do que uma semelhança com o que poderia ser considerado uma “realidade histórica”. Como constatou Thompson (1998), nos conflitos entre os pobres e a *gentry* no contexto inglês, há em muitas situações um intermédio de interesses entre esses grupos sociais ao invés de um embate direto, como é tratado em todas as narrativas apresentadas neste tópico. Entretanto, dentro dessa análise, deve-se levar em conta as distintas concepções marxistas que existiam na época em que Jorge Amado produziu sua obra literária e o momento em que Thompson escreveu parte das suas reflexões sobre os processos históricos ocorridos a partir do século XVIII.

2.3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE: O CASO DE LINDA

Além dos conflitos e da polarização entre ricos e pobres, o exemplo da personagem Linda é mais uma das representações da existência da influência de leituras socialistas do autor. Diante da narrativa e das ações dessa personagem, é possível perceber que, já na época em que publica ou até mesmo quando rascunhava o livro, existiam muitas leituras de influência da esquerda, que podem ser percebidas na narrativa sobre essa personagem, em que há muitos elementos que delineiam sobre o conceito de Marx, que é o de consciência de classe.

Tal conceito foi trabalho por diferentes autores marxista, entre eles, o pensador húngaro Georg Lukács (2003), que define, no livro intitulado *História e Consciência de Classe*, a consciência de classe:

Ora, a reação racional adequada, que deve ser *adjudicada* a uma situação típica determinada no processo de produção, é a consciência de classe. Essa consciência não é, portanto, nem a soma, nem a média do que cada um dos indivíduos que formam a classe pensam, sentem etc. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por essa consciência e não pelo pensamento do indivíduo; essa ação só pode ser conhecida a partir dessa consciência (LUKÁCS, 2003, p.142)

Desse modo, partiria então da consciência as tomadas de ação da personagem no livro depois de despertar de uma inconsciência da sua própria situação econômica e social, conforme afirma o autor, do ponto de vista abstrato e formal, a consciência de classe também parte de uma inconsciência (Idem, p.143).

Entretanto, outros intelectuais, a exemplo de Thompson (1998), criticaram essa forma de conceber uma consciência de classe como algo adquirido. De acordo com o autor, há uma consciência nas relações dos plebeus com a *gentry* no que diz respeito a uma reciprocidade estabelecidas entre eles, e na capacidade de negociação da multidão, que estão sempre alertas aos pontos que podem exercer pressão em proveito próprio (p.70). Além disso, ao analisar o contexto inglês no século XVIII, o historiador demonstra que os plebeus estão sempre atentos aos direitos e costumes. Desse modo, essas análises se contrapõem a visão compartilhada por Georg Lukács e pelo próprio Jorge Amado.

A noção de consciência apresentada por Georg Lukács (2003), na primeira edição da sua obra ainda na década de 1920, se aproxima da defendida por Jorge Amado, ao traçar as ações de Linda, que, através das leituras inicia uma compreensão da sua situação de classe, adquirindo uma consciência. Essa representação da consciência de classe tomada a partir dos livros que resulta de uma reação racional por parte da personagem e demonstra o significado de consciência em conformidade com aquela apresentada pelo autor, que nesse período era defendido por muitos marxistas.

Linda, era uma das moradoras que residia no cortiço, e morava com a sua madrinha, Dona Risoleta, e era mais uma entre as inquilinas do prédio que sonhava com um casamento, assim como a sua tia, que tinha o desejo de vê-la contraindo núpcias (AMADO, 2011). O matrimônio, na década de 30, é relatado também em outras literaturas com um viés marxista, a exemplo do livro *Parque Industrial* (1933), como uma forma de estratégia para sair da situação de pobreza entre as mulheres, que aspiram a uma vida melhor.

A personagem, apesar de passar por dificuldades, era criada por sua madrinha com mimos de menina rica, e enquanto puderam, moraram em uma casinha no Tororo, e vivia com boa comida e boa escola. Até que as coisas mudaram e Dona Risoleta passou a costurar para viver e andaram por alguns lugares até chegarem no sótão do 68. Porém, a madrinha de Linda passou a conservar o hábito de manter a sua afilhada sem deixá-la trabalhar, sonhando com um noivo rico (AMADO, 2011, p. 76).

Entretanto, as coisas mudaram, Linda, vendo a personagem Risoleta doente, estragou os planos que teria conservado por tanto tempo, tinha ideias de trabalhar e estava cada vez mais diferente, e sua madrinha parecia não entender a sua mudança (AMADO, 1934, p.75). O que aconteceu com Linda? A personagem teria começado a trabalhar com o propagandista, e já não lia tantos romances. Julieta, outra moradora do cortiço, vendo-a remexer nos livros, pergunta: “-Que romance é esse que você tá lendo?”, e Linda responde: “-Não é romance não. É um livro sério” (AMADO, 2011, p. 97).

Linda, trocara os seus romances por livros esquisitos que o Preto Henrique e o judeu velho lhe emprestavam e, após começar a trabalhar, teria desistido do casamento (AMADO, 2011). Segundo Eduardo de Assis Duarte (1996), Linda vive na prática o avesso dos seus sonhos, o literato descreve que a personagem desabrochou em uma consciência, e percebeu que a vida real estava bem distante dos romances sobre as histórias de amor que lia e que desejava um noivo inexistente (RAYOL, 2011, p.25).

Além disso, essas leituras adjetivadas como “esquisitas” que eram influenciadas pelo propagandista e outros personagens engajados, demonstra uma consciência de maneira tímida que vinha sendo adquirida por Linda, que pode ter tido influência na sua decisão de desistir do casamento. De acordo com Marx no *Manifesto Comunista*, a mulher para o burguês nada mais era do que um instrumento de produção e esses indivíduos têm o singular prazer de seduzir várias mulheres (2005, p. 56-57).

Caso a afilhada de Dona Risoleta tivesse tido acesso a essas obras, essa visão marxista pôde ter influenciado em uma percepção negativa do casamento por parte dela, porém, o autor menciona apenas um dos livros lidos pela personagem, que tratava sobre a condição da mulher na Rússia. Além disso, Linda “nunca mais foi à igreja”, essa outra passagem, também evidencia a aquisição de uma tomada de consciência de classe e de uma provável adesão às ideias comunistas. A igreja, segundo Marx, seria uma das instituições que teria o papel de ocultar os interesses burgueses, assim como as leis, a moral, que, segundo a percepção do autor, demonstrariam meros preconceitos dessa classe (MARX, 2005, p.49).

O ponto que tornaria Linda diferencial, entre as personagens do livro, é que ela tinha uma consciência que outras mulheres que viviam no prédio 68 não possuíam (RAYOL, 2011, p.19). Para essa moça, cada fato que acontecia entre os moradores tinha uma significação e lhe ensinava alguma coisa, aprendendo mais, muito mais do que os livros que estava lendo noite a dentro (AMADO, 2011, p.98). Linda representava uma mulher contrária as outras personagens, não se resumia apenas a um objeto sexual e ao desejo de se casar.

Desse modo, o autor representa a partir das situações vivenciadas pela personagem e nas suas ações uma aquisição de consciência de classe, que, tornou-se possível a partir das leituras dos textos de influência soviética e da inserção de Linda no mundo do trabalho. Segundo Jorge Amado, cada vez mais Linda ia “sentindo-se irmã de toda aquela gente que morava no 68, operários, árabes, vagabundos, doentes, costureiras, prostitutas.” (AMADO, 2011, p.80).

2.4 “VEJAM O QUE ELES FIZERAM NA RÚSSIA”: MENÇÕES À REVOLUÇÃO

Muitos dos inquilinos que viveram ou viviam no prédio pareciam simpatizar com a doutrina comunista e com a Revolução Russa. De acordo com Leo Huberman (1980, p. 288), esse movimento, a partir da tomada de poder por Lênin e outros bolcheviques, pôs em prática a teoria de Marx, e, após esse episódio, os ensinamentos ideológicos do autor ganham atenção e passam a ser conhecidos por todo o mundo. Esse episódio, que construiu na Rússia o socialismo, é retratado em alguns dos trechos narrativos do livro *Suor* (1934), como uma forma de solução para as situações vivenciadas pelos personagens (AMADO, 2011).

É o caso de Artur e o propagandista, os dois inquilinos lamentavam as dificuldades de vendas dos limpa-tudo e dos sabonetes, o valor recebido pelo trabalho do dia nem daria para a comida e, desanimados, Artur não vê a possibilidade quanto a expectativa de dias melhores, a não ser que haja a existência de uma revolução, e o propagandista pergunta de que revolução ele falava, Artur responde: “-Da revolução dos operários... Você precisa ler isso. Veja o que os operários fizeram na Rússia” (AMADO, 2011, p.65).

Um outro momento em que há menção à Revolução, é no caso do sapateiro espanhol, ex-morador do 68, que foi preso, surpreendendo os habitantes do cortiço, descrito como tímido e retraído provocou um grande escândalo no cinema que só os homens reunidos no quarto de Álvaro de Lima e o judeu velho compreenderam e davam razão a sua atitude.

O que aconteceu provocou, no momento, um grande escândalo. Ninguém compreendia porque o espanhol apedrejara silenciosamente a tela do cinema num dos momentos de maior dramaticidade do filme.

Exibiam uma fita americana sobre a revolução russa. Revolucionários queimavam palácios, destruíam casa, matavam multidões de pessoas, decepavam cabeças, mutilavam criancinhas, causando lágrimas as mulheres que assistiam ao espetáculo.

O espanhol dizia para o vizinho do lado:

-Não foi assim! É uma infâmia!

Depois gritou. Ninguém o ouviu. Ele se retirou antes de terminar, mas voltou no dia seguinte com os bolsos cheios de pedras. E, no momento exato em que , provocando arrepios nas senhoras, o marinheiro de fita vermelha amarrada no braço suspendia o sabre sobre um criancinha de meses que ria inocente, as pedras começaram a chover, rasgando a tela. Acenderam-se as luzes. Na primeira fila, um homem de bela cabeça com cabelos grisalhos, uma veia azul, que chamava atenção, cortando a testa, dizia com voz calma:

-Isso é uma infâmia! As coisas não se passaram assim!

A polícia levou-o. (AMADO, 2011, p.89-90).

Essa passagem demonstra as concepções panfletárias do comunismo que são presentes no livro (SILVA, 2021, p.218). Além disso, reflete também sobre as características do cinema

brasileiro na época. O espanhol se contrapõe a versão da Revolução contada no cinema, que, de acordo com o próprio Amado, era influenciado por uma indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Os filmes feitos naquele país passaram a ser predominantes na década de 1920 na América do Sul, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial (SEVCENKO, 1992). Assim, é possível inferir que o autor, influenciado por suas posições políticas, criticava também, a partir da representação do espanhol, a forma como a produção dos filmes da época abordava esse episódio.

Além disso, a Revolução Russa da forma que era retratada pelos estadunidenses tinha uma visão contrária àquelas que eram retratadas pelos escritores marxistas, de maneira positiva, principalmente nos seus primeiros anos. Um exemplo é o trabalho do pesquisador Léo Huberman (1980, p.292) em que é demonstrado, através das fontes, os elementos positivos sobre a vivência da União das Repúblicas Socialista Soviéticas. As fontes utilizadas pelo autor, como a correspondência de um americano em Moscou, evidenciam uma pretensão orgulhosa dos comunistas no país, que saudavam o fim das classes sociais.

De acordo com essa fonte descrita acima, escrita no ano de 1936, apenas 1.5% das indústrias existentes na URSS não eram socializadas, essa socialização dos meios de produção significava o fim da exploração entre os homens (HUBERMAN, 1980, p.291). Entretanto, alguns historiadores a partir da década de 1950, problematizam essa questão, a estatização de forma centralista se estendia até as pequenas empresas, que, conforme afirma o próprio Hobsbawm (1986, p.17) não podiam funcionar racionalmente em nível de médias ou grandes empresas. O historiador ainda apresenta dados que revelam que, com bases nas estatísticas de 1920, mais de dois terços das empresas estatizadas empregavam menos de 15 operários, demonstrando a existência de um grande custo do Estado ao empenhar algumas políticas.

Apesar desses problemas apresentados na historiografia mais recente, a Rússia, principalmente nos seus primeiros anos, representava, de acordo com os defensores do comunismo, um exemplo de vivência de um mundo igualitário e despertava atenção por se desenvolver em um país pobre e agrário, inclusive inspirando ondas de revolucionários e ativistas na América Latina – como os peruanos Víctor Raúl Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui. A capacidade de mobilização de revolucionários russos em meio a esse contexto de pobreza impressionava os espectadores (HUBERMAN, 1980; LOWY, 2003).

A Revolução nutria um sentimento de igualdade nesses personagens, e o autor Jorge Amado, aponta esse movimento como a solução para alguns dos problemas dos moradores, que o reconhecem como um processo histórico positivo. Ao tratar a Revolução com uma visão idealizada nas representações dos seus personagens, o autor parece desconhecer ou evitar outras

versões que eram compartilhadas na época. No livro *Continente sombrio*, do historiador britânico Mark Mazower (2001), por exemplo, a Revolução é apresentada como um movimento contraditório e violento assim como outros episódios que ocorreram na história europeia na primeira metade do século XX.

Além disso, nesse momento, a Rússia já no período em que a obra é publicada, passou por algumas situações críticas, principalmente no campo econômico, que deteriorava as relações entre o poder soviético e os camponeses. Apenas foram mostradas na historiografia anos depois, que evidenciaram alguns dos problemas decorrentes do governo socialista, o qual é mencionado por Hobsbawm (1986), no livro *História do Marxismo*:

(...) não só os camponeses ricos- que, como consequência das fortes restrições, haviam perdido grande parte de suas posições políticas e econômicas- mas também as massas de camponeses pequenos e médios queriam dispor livremente de seu excedente, ou pelo menos de uma quota considerável dele. O confisco do excedente, porém, privava-os de tal possibilidade. Agora não queriam mais “dar crédito” ao poder soviético, contrapondo-se a ele cada vez mais nitidamente (p.31).

Mesmo no tempo de Lênin a situação soviética já apresentava problemas ao ponto de o próprio líder defender uma perspectiva favorável ao comércio e, ainda no seu governo, inicia a Nova Política Econômica – NEP, que permitia reconstruir a indústria e a agricultura que estavam arruinadas (HOBSBAWM, 1986, p.55). Então, em certa medida, o período bolchevique apresentou momentos de crise e estagnação, já nos seus primeiros anos, que é relativizado ou desconhecido pelo autor. Além disso, esses problemas irão piorar com a ascensão de Josef Stálin, onde se acentuará em um processo gigantesco de repressão contra as massas.

Stálin sucede o líder da Revolução ao vencer a disputa política contra o seu opositor também marxista, Léon Trótski, que, ao contrário de Stálin e Bukharin julgava uma ausência de perspectiva na construção do socialismo apenas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, enquanto ainda houvesse países capitalista na Europa, já os seus opositores, defendiam a criação de um governo socialista sem a necessidade de uma cooperação internacional (HOBSBAWM, 1986, p.68).

A política de Stálin, apesar do apoio aos outros países da Europa Oriental, foi criada com base em uma hegemonia da URSS, que esteve na raiz dos conflitos com esses países como a Iugoslávia e provocou a repressão de massa contra as camadas sociais desses países e contra os comunistas que não acolhiam de boa vontade as ações tomadas pelo governo (Idem, p.78). Além disso, houve também situações em que os trabalhos dos agricultores eram explorados nos campos coletivos e esses não recebiam nenhuma recompensa:

Deste modo, sob uma aparência socialista, renasciam na época de Stálin os distorcidos laços semifeudais, que se conjugavam com uma espécie de residência forçada por causa do sistema de passaportes e do controle de moradia. Além disso, é supérfluo lembrar o imponente sistema de empresas industriais e de organizações do *gulag*, onde os trabalhos de milhares e milhares de prisioneiros era uma ressurreição das relações escravistas (HOBBSAWM, 1986, p.80).

Essas condições de trabalho mostrada por Hobsbawm (1986) apontam que a experiência soviética decorrente da Revolução resultou em um período de contradições, em que muitos grupos sociais foram postos em condições deploráveis, o que se pode considerar uma relação de contraste com os aspectos idealizados que são presentes nos textos do escritor Jorge Amado, caso se considere na Revolução Russa o que se passou no período soviético no governo stalinista como resultado desse episódio. Entretanto, essas contradições não inviabilizam o grande feito da Revolução de mobilizar grupos sociais e tomar o poder considerando a tamanha força existente no governo czarista.

Ao finalizar o livro, o autor conclui a narrativa, mais uma vez, evidenciando a presença dos elementos ideológicos marxistas, fazendo alusão à presença de uma célula do partido comunista que existia no prédio. Nesse momento, é enfatizada a capacidade de mobilização dos personagens para iniciar uma greve, e um dos elementos que demonstram indícios de que esses indivíduos eram conhecedores da doutrina comunista é a presença de um livro do revolucionário bolchevique Vladimir Lênin entre esses moradores.

A polícia, dizia a seu Samara, dono do prédio, que desconfiava da existência de uma célula do partido comunista naquele local. Nesse episódio alguns moradores foram presos - Dentes de Fora, Vermelho e Isaac - e vários outros que não tinham nada a ver pararam na cadeia, no quarto do velho judeu foram encontrados manifestos revolucionários e livros de Lênin. E, diante da prisão dos moradores, homens e mulheres protestaram, jogaram manifestos, todos os moradores do prédio 68 estavam ali (AMADO, 2011, p.131-132).

Diante de toda a multidão, os investigadores vinham do terreiro, subindo a Baixa do Sapateiros, e no momento que Álvaro de Lima gritou: “- Proletários de todas as nações... A bala pegou na testa, ele caiu em cima de Linda. A moça sentiu o sangue no rosto e no vestido. Mas não teve medo, nem se moveu ” (AMADO, 2011, p.132). De acordo com Betina Cunha (2012), na morte de Álvaro Lima, representada pelo o autor uma forma de silenciamento de cunho ideológico-socialista. Mesmo assim, diante do ocorrido, Linda segue com os manifestos que levava embaixo do capote, que demonstra uma noção de continuidade em relação a essas ideias (AMADO, 2011, p.133).

O grito “-Proletários de todos os países, uni-vos!” já se fazia presente quando afogavam suas lágrimas e lamentavam os seus sofrimentos e as suas explorações nos momentos de diversões (AMADO, 2011).

CAPÍTULO III

SUOR: PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE URBANA FRENTE OS ASPECTOS DA MODERNIDADE

3.1 A HISTÓRIA E A LITERATURA

O cenário urbano no início da Primeira República retratado por Jorge Amado e outros autores brasileiros, e as representações construídas sobre esse período, demonstraram a existência de processos análogos pelos quais também passou a transformação urbana europeia. Além disso, as construções literárias sobre esse espaço se constituíram em um modelo universal do entendimento da cidade moderna (PESAVENTO, 1999, p.209-210).

De acordo com a historiadora Sandra Pesavento (1999, p.68), Paris seria um conceito, um conjunto de ideias e imagens de representações, que eram tornadas coletivas. Alguns escritores exaltaram os processos pelos quais passou a capital da França e contribuíram para a construção de um mito sobre a cidade, a exemplo do romancista Balzac. Outros autores parisienses viam os problemas sociais e contrastes apresentados pela moderna metrópole como questões centrais da narrativa literária, associando a cidade à lugares de vícios, miséria, ou exaltaram os processos pelos quais passou a capital da França.

Esses livros estrangeiros, principalmente de autores franceses, eram portas de entrada das livrarias do Rio de Janeiro, os livros de autores como Baudelaire, Victor Hugo, Marcel Proust, eram algumas das obras presentes nas bibliotecas do Brasil, os quais traçaram uma percepção da cidade que apresentavam os cenários urbanos como locais que iam do vício à virtude. O quadro de repertório do cronista João do Rio, por exemplo, possuía obras variadas desses clássicos universais (PESAVENTO, 1999, p.179). Essa característica de retratar os aspectos urbanos e os problemas sociais foi comum entre escritores brasileiros do final do século XIX, como o próprio João do Rio e outros, a exemplo Lima Barreto e Euclides da Cunha.

Leopoldo Bernucci (1995) evidencia que as características de feição “realista”, de autores como Euclides da Cunha, influenciaram nas escritas dos literatos modernistas. Os escritores dessa nova geração curvaram-se para as temáticas com enfoque em assuntos regionais e problemas de caráter urbano, em que são enfatizados pelos autores, principalmente aqueles da década de 1930, aspectos cotidianos da cena moderna. A exemplo da obra *Parque Industrial* (1933) da escritora Patrícia Galvão, em que é representada a vida das operárias fabris na cidade de São Paulo, nos poemas da obra *Paulicéia Desvairada* (1922) do autor Mário de Andrade,

que evidencia traços da civilização e nos livros do autor Jorge Amado, que compõe importantes narrativas sobre o cenário de Salvador no período da Primeira República.

Tais abordagens sobre as práticas e os cotidianos do urbano na literatura, e as construções do imaginário e discursos sobre esses espaços e suas práticas sociais se constituem importantes objetos da História Cultural, que tem como objetivo resgatar os discursos e as representações construídas sobre o passado. Esses escritos literários, de acordo com Sandra Pesavento (2007, p. 50), consistem-se em fontes especiais para o historiador, podendo fornecer aos pesquisadores elementos que outras fontes não possibilitam captar: sensibilidades, valores, perfis, sendo registros privilegiados para a leitura do imaginário.

As obras da literatura moderna e outras expressões literárias mais antigas, como os contos populares, tornaram possível a compreensão da cultura, de modo que, os documentos oficiais não seriam capazes de demonstrar, como aspectos da religião, manifestações culturais, comportamentos populares e a percepção dos indivíduos comuns sobre uma determinada época (BAKHITIN, 1993, p.3-4). Essa visão do mundo sobre um determinado contexto a partir dos manuscritos situa-se, como já mencionado, no campo da História Cultural e é compreendida pelo conceito de representação, que possui diferentes definições, as quais dialogam entre si.

Na definição do historiador Roger Chartier (1990, p.17), que apresenta o conceito já na introdução da sua obra, a representação é apresentada como uma construção do mundo social, que está sempre relacionada com os interesses dos indivíduos que as criam, sendo necessário relacionar o perfil de quem os utiliza e a sua posição. Sendo todos os textos, incluindo-se aqueles de Estado, não uma cópia, mas uma representação do real (p.62). Além disso, os impressos passariam por edições, reimpressões e apropriações de leituras diferentes.

Ampliando o conceito, Serge Moscovici (2007, p.21), ao afirmar que o termo está sempre ligado aos processos sociais, designa o fenômeno da representação social como um sistema de valores e ideias que tem como função permitir as pessoas orientar e controlar o seu mundo, além de possibilitar uma comunicação possível entre membros de um grupo, fornecendo-lhes códigos. O autor apresenta a ancoragem e a objetificação como dois mecanismos fundamentais para o conceito das representações sociais, a ancoragem, seria uma característica interna e a objetificação seria a parte externa, física e acessível (2007, p.68-71).

Tais perspectivas foram cunhadas de formas distintas, já que partem de autores de diferentes áreas, Moscovici (2007), do campo da psicologia e Chartier (1990), do campo da História, mas, em termos gerais, as duas formas de conceituar a representação sugere a existência das intenções de quem as forjam e das formas de expressar uma concepção sobre algo, seja o conjunto de valores e ideias ou sobre a realidade de um determinado período. Por

se tratar de uma discussão historiográfica sobre o texto e o período da sua produção, o conceito de representação de Roger Chartier apresenta-se como fundamental já que parte de um historiador que se debruçou sobre estudos da leitura e dos escritos.

De acordo com Peter Burke (2007, p.78), outros quatro teóricos do campo cultural também foram responsáveis pelo desenvolvimento dos conceitos de práticas e representações de Roger Chartier, que é tão recorrente nos trabalhos de História e Literatura, são eles: Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Esses autores contribuíram para o que Burke (2007) denominou de Nova História Cultural, que seria um novo paradigma da História Cultural, a qual aproxima a visão dos antropólogos e historiadores e ascende à uma micro-história. A utilização de Roger Chartier, à luz da história, é de suma importância para a abordagem cultural.

O campo da História Cultural tenta atingir, desse modo, a percepção dos indivíduos no tempo, seus valores, aspirações, modelos, ambições, temores, quando se desdobra sobre os estudos da produção do texto ou da leitura. E se tratando dos estudos sobre a sua escrita/produção ao focar no próprio texto, o historiador que se debruça sobre esse campo de pesquisa deve lançar as questões sobre quem fala, onde fala, o que e como se fala (PESAVENTO, 2007, p.41-42).

O historiador, ao trabalhar com as fontes literárias e a concepção do passado formulada sobre um determinado período, deve eliminar, então, uma ideia imediata do real, considerando os conceitos de representação, imaginário e simbólico, que passaram a ser utilizados pela nova historiografia, advindos da aproximação, já admitidas pelos historiadores, do campo da Literatura e da História a partir da década 1980.

A reaproximação dessas duas áreas de conhecimento, já que eram consideradas semelhantes antes da constituição da história como ciência no século XIX pela escola metódica, deve-se, principalmente, às críticas que colocaram em crise o campo da historiografia na segunda metade do século XX (BARROS, 2010). O historiador cultural, Hayden White, foi fundamental para estabelecer essas relações entre a literatura e a história. O autor criticou a ambiguidade dos historiadores, de reivindicar o status de ciência do campo historiográfico e, do mesmo modo, admitirem o uso de métodos intuitivos e analíticos (WHITE, 1994, p.39).

Essa dependência dos elementos interpretativos, reforçaria a associação entre a história e a arte. De acordo com Hayden White (1994, p. 88-92), na construção epistemológica da historiografia há um compromisso com elementos estéticos ou estratégias narrativas, que seriam o uso das figuras de linguagens- metáfora, metonímia, sinédoque e ironia-, as quais comprometeriam a objetividade do discurso, evidenciando o seu caráter narrativo. Outrossim,

o autor ainda aponta a existência de implicações ideológicas nas interpretações dos historiadores, que, muitas vezes, eram evidenciadas a partir do enredo (WHITE, 1994, p. 82).

Ainda que as considerações do autor Hayden White (1994) sejam problemáticas, já que é defendido pelo autor, que tanto a literatura quanto a história seriam uma ficção, as críticas do historiador foram de suma importância para que os pesquisadores atuais do campo da história considerem as pesquisas elaboradas na historiografia como uma construção narrativa. Outros pesquisadores, como Peter Gay (1990), historiador alemão, também contribuiu para reforçar a compreensão de um entrelaçamento entre a história e a literatura.

O autor, ao analisar a trajetória e os trabalhos de diferentes historiadores, considerados grandes nomes nessa área, demonstra que, em seus trabalhos, havia elementos literários identificados nas fontes, que eram utilizadas por Jacob Burckhardt e Leopold von Ranke, por exemplo, os quais construíram as suas pesquisas com fontes literárias e narrativas que continham diálogos dramáticos entre os personagens. Além disso, Peter Gay (1990), considera a existência de um estilo próprio de cada pesquisador, que são influenciados por seus gostos e hábitos pessoais, e esse fator, daria margem à consideração de diferentes interpretações na pesquisa.

No campo da literatura e história, também cabe destacar as contribuições de Raymond Williams. O historiador, ao investigar a existência de uma Idade de Ouro na Inglaterra, uma construção discursiva das pessoas que viveram o período da Revolução Industrial, recorre às diferentes fontes literárias para compreender a existência dessa época, utilizando crônicas populares, obras de Jane Austen, George Eliot, e diversos escritos para analisar de que forma o urbano e o rural foram representados em diferentes épocas, e compreender sobre a possível existência de um mundo rural “sem conflitos” (WILLIAMS, 1990).

Assim, todas essas contribuições explicativas no campo da história e literatura, favoreceram para o estreitamento dessas duas áreas e contribuíram para o campo da História Cultural e para os conceitos de práticas e representações cunhados por Roger Chartier. No Brasil, os estudos sobre o campo da História Cultural com uma abordagem de novos objetos, novas questões, e fazendo o uso das fontes literárias é constatado a partir da década de 1990 (PESAVENTO, 2007, p.4).

O trabalho do historiador Nicolau Sevcenko (2003), *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, publicado pela primeira vez em 1983, foi uma das obras que contribuíram para as questões pertinentes entre essas duas áreas de conhecimento, a literatura e a história, no campo historiográfico brasileiro. O autor utiliza

elementos da literatura moderna para compreender e discutir as tensões presentes nos discursos sobre o período da *Belle époque* carioca (SEVCENKO, p.2003).

O uso dessas fontes literárias, segundo o autor, são importantes para a avaliação dos efeitos desses cruzamentos entre as áreas de conhecimento, e essas criações possuem um grande potencial documental, não apenas pelas referências aos episódios históricos, ou para estudos dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa que incorpora a história em todos os seus aspectos (SEVCENKO, 2003, p.299). Ao estabelecer as diferenças entre essas duas áreas, o historiador Sevcenko, demonstra que a historiografia procura o ser das estruturas sociais, enquanto a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser (2003, p.29).

A literatura como fonte historiográfica também é utilizada no livro *Machado de Assis, historiador* (2003), nessa obra, Sidney Chaloub, analisa as relações do paternalismo no século XIX, utilizando como fonte os romances *Helena* e *Brás Cubas* do autor Machado de Assis, além disso, o autor também relaciona as posições e críticas que o escritor assume com os documentos oficiais da época, estabelecendo uma relação de tensão entre essas fontes (CHALHOUB, 2003).

Esses dois campos, o da literatura e o da história, dialogam entre si, e não devem ser postos em hierarquias, cabendo então, determinar quem faz as questões (PESAVENTO, 2003, p.39). As duas áreas constituem-se, então, narrativas e realizam a configuração de um tempo, passado, presente ou futuro. Do mesmo modo que há elementos históricos em uma literatura, como tempo, há elementos literários na história, como o uso de artifícios da linguagem, além disso, nas duas há o efeito da verossimilhança, o que contrapõe à história, é a sua pretensão a veracidade (PESAVENTO, 2003).

Todas essas semelhanças e o crescente número de trabalhos entre essas duas áreas, de acordo com Barros (2010), estabeleceu uma nova crise a respeito da história. A história seria ainda capaz de apreender a realidade?. Essa seria mais uma questão nas décadas recentes (BARROS, 2010, p.3). O autor afirma que reconhecer a narratividade da história implicou novamente esse debate, entretanto, a história deve assumi-la sem abrir mão dos seus aspectos objetivos e das suas singularidades, comprometendo-se com uma aproximação do passado.

Na perspectiva do autor, essa relação da história e da literatura não se configuraria uma crise, mas uma oportunidade para usar a literatura como uma forma de deixar o texto mais atraente, o autor parte da perspectiva de que um texto apenas com traços “científicos”, faz com que o leitor não se sinta atraído, e isso distanciaria o público leitor. Além disso, o historiador deveria aprender com a literatura como uma forma de fuga da temporalidade cronológica e linear, ainda muito presente na história (BARROS, 2010).

Assim, considerando todas as contribuições no entrelaçamento entre a literatura e a história, e a partir das considerações de Roger Chartier (1990) e Sandra Pesavento (2007), que consideram as fontes literárias como importantes documentos para compreender como os homens representavam a si próprios e ao mundo em um determinado contexto e resgatar os valores e sensibilidades de uma época, busca-se, neste capítulo, analisar a obra *Suor* (1934), do autor baiano Jorge Amado e as representações no contexto da cidade de Salvador nas primeiras décadas do século XX.

No livro, é retratado o cotidiano dos personagens moradores do Largo do Pelourinho, a descrição das moradias desse período, as condições em que viviam, além dos conflitos nos quais os moradores vivenciam. O autor constrói, por meio de imagens e diálogos, representações que demonstraram um cenário miserabilidade social existente no período. Além disso, a partir da estética construída no seu texto, o autor também demonstra o seu perfil social e a influência das suas posições políticas que detinha no período.

3.2 O CASARÃO 68: UM OLHAR SOBRE AS MORADIAS E AS CONTRADIÇÕES DA MODERNIDADE

Jorge Amado representa a partir da imagem do prédio 68, localizado no Largo do Pelourinho, aspectos da moradia em que viviam os seus personagens, indivíduos pobres e trabalhadores, no Centro de Salvador. O casarão, que abriga uma multidão, é apresentado como o principal personagem da obra (ROSSI, *SUOR*, 2011, p. 135). Esses locais compartimentados, que se aproxima de uma representação dos cortiços, constituíam, na Primeira República, uma das principais moradias que ainda existiam nos bairros centrais da capital.

Na descrição da narrativa em *Suor* (1934), é apresentada uma construção ficcional sobre o período vivido, representando, a partir da literatura, a existência de habitações insalubres na cidade e os perfis sociais das pessoas que ali habitavam. Essas condições de moradias demonstram o problema da crise habitacional por qual passava a cidade de Salvador na Primeira República, que teria sido agravada com o aspecto da modernização (SANTOS, 1990, p.20).

De acordo com Santos (1990), as reformas urbanas implementadas em Salvador trouxeram consigo o agravamento das condições habitacionais e acentuaram os problemas de moradia, principalmente daqueles que se viam obrigados a residir no velho centro, que procuravam habitações cada vez piores e mais baratas, e esses aspectos negativos, demonstraram as contradições dos processos de modernização na capital. Os antigos sobrados ou cortiços que eram compartimentados entre comerciantes e empregados, no final do século

XIX e início do século XX, perdeu sua função de residência e foram subdivididos em várias unidades de negócios e de moradias alugadas.

Ao contrário dos processos ocorridos em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, já em meados do século XIX, em que houve um deslocamento das populações negras do centro da cidade paulista para bairros como Barra Funda, Lavapês, Liberdade, o Bexiga, ou no caso do Rio de Janeiro, em que houve um deslocamento para as favelas ou os morros, na cidade de Salvador, as elites se mudam para outros bairros e as populações negras permaneceram no antigo centro colonial (MATTOS, 2008, p.51-52).

Nesse período de expansão física da cidade baiana, a elite e alguns poucos, que possuíam melhores condições, tiveram o privilégio de residir em novas áreas que estavam sendo povoadas em Salvador, como os bairros de Garcia, Vitória, Barra. Enquanto, a outra grande parte das populações populares buscavam lugares nesses locais, cada vez mais degradados, pela proximidade do velho centro às áreas comerciais (SANTOS, 1990, p.25).

O prédio do 68, que é uma percepção sobre as moradias compartimentadas dos antigos sobrados na Primeira República, localizado no Largo do Pelourinho, é descrito então por Jorge Amado:

(...) Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandes na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina, cento e dezesseis quartos, mais de seiscentas pessoas. Um mundo. Um mundo fétido sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arrevesada, mascates, ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado. Bebiam cachaça na venda do Fernandes e cuspiam escada, onde, por vezes, mijavam. Os únicos inquilinos gratuitos eram os ratos. (AMADO, 2011, p. 10)

A descrição do cortiço e a superlotação do prédio, 600 inquilinos, representam a precariedade e a aglomeração de moradores nesses locais, indivíduos, que, em sua maioria, eram caracterizados como profissionais de bicos. Além disso, essas moradias, em que abrigavam populações pobres, são mencionadas como locais insalubres e de péssima qualidade. A maioria dos seus habitantes tinham como única vantagem residir nesses locais a proximidade aos seus postos de trabalho e, por serem de baixa renda, procuravam habitações cada vez mais baratas. Conforme afirma Souza (2009, p. 153), a falta do poder aquisitivo da maioria da população de Salvador fazia com que esses locais fossem multiplicados e superlotados.

Santos (1999, p. 26) afirma que algumas melhorias realizadas no período de modernização, pioravam as questões habitacionais, com os aumentos dos preços da manutenção do prédio e as melhorias de infraestrutura urbana nos governos, aumentaram-se os preços dos

aluguéis de imóveis, fazendo com que muitos procurassem moradias de ruínas e de baixo valor. O problema da especulação imobiliária no centro de Salvador também é retratado na obra *Suor* (1934), em uma outra passagem, um homem pergunta sobre a existência de moradias nos distritos centrais ao propagandista morador do 68:

- O senhor mora aqui?
 - Moro. No terceiro andar.
 - É tudo caro...
 - Caro? É, sim...Mas não se arranja mais barato...
 - Em lugar nenhum?
- O seu queixo parecia mais fino ao interrogar aflito o propagandista. Os olhos se fixaram no rosto do outro. Repetiu a pergunta:
- Não se arranja mais barato? Tudo é caro...
 - Já viu no sótão?
 - Não tem quarto vago...
 - (...)
 - Nessa vizinha terá quartos?
 - Acho que não. Por que você não vai aos cortiços aqui dos fundos?
 - Já fui. Tudo cheio. (AMADO, 2011, p. 66-67)

A passagem evidencia a falta de moradias vagas no centro de Salvador, que muitas vezes sobrevalorizavam os preços dos aluguéis, prejudicando àqueles mais pobres. Essa percepção de uma cidade cheia de problemas sociais como o da moradia e as críticas ao projeto civilizatório também esteve presente nos discursos dos jornais baianos, que passavam a criticar as demolições e as interdições das moradias pela saúde pública. Além disso, denunciavam também a falta de medidas adotadas pelo governo para acolher as famílias que estavam desamparadas e desaprovavam, pelas constantes falhas, os serviços do governo de J.J Seabra (1912-1916), como os de água e os de eletricidade (LEITE, 1996, p. 69;92).

Um outro problema que assolava a cidade de Salvador e que era acentuado com a superlotação dos cortiços eram aqueles de Saúde Pública. As políticas de ordenação nos primeiros governos de J.J. Seabra (1912-1916) e no governo de Francisco Marques de Góes Calmon (1924-1928) tinham principalmente motivações sanitaristas e estava em consonância com muitas queixas dos médicos e as elites letradas da cidade (FILHO, 1999 p.241), contudo, esse aspecto de superlotação e a falta de recursos do estado parecia contradizer e piorar a ideia de higienização e erradicação das doenças na cidade.

De acordo com a historiadora Christiane Souza (2009, p.56), os discursos médicos questionavam sobre a eficiência da desinfecção em moradias onde, após adotadas medidas de limpeza, um infectado com doenças transmissíveis voltasse a dormir junto a outros moradores, em um cubículo, todos respirando juntos o mesmo lugar corrompido, já que o estado não

possuía recurso para isolar esses indivíduos. Desse modo, esse fator poderia prejudicar o contágio de algumas doenças a exemplo da tuberculose.

Muitas doenças perduraram pela maior parte da República Velha na Bahia, como a varíola, a peste bubônica, a febre amarela, a febre tifóide, a desintéria, e a tuberculose. Esta última e a peste bubônica, eram àquelas com maior índice de morbidade e mortalidade em 1919 (SOUZA, 2009). A tuberculose como uma enfermidade comum na Bahia, é representada por Jorge Amado, ao mencionar a doença nos textos do livro *Suor* (2011), o autor cita três indivíduos que padecem da doença e foram levados ao óbito.

Outrossim, Amado (2011), também representa as dificuldades de cura da tuberculose para aqueles que não dispunham de recurso, denunciando as dificuldades no tratamento doença a partir da personagem de dona Risoleta. A senhora de idade, mencionada pelo autor em muitas passagens do texto como “a tuberculosa” que morava no prédio 68, padeceu da doença, e no momento do seu enterro os personagens dialogam sobre a situação:

DEPOIS DE O CAIXÃO SAIR, O CHOFER DO SEGUNDO ANDAR explicou aos dentes de fora:
-A tuberculose é uma doença de classe. Pobre, se tem tuberculose, não pode se tratar...
(AMADO, 2011, p. 97).

A passagem do autor, permite fazer uma reflexão sobre as dificuldades de medidas para a cura da doença no período, principalmente para aqueles mais pobres. A respeito dos problemas de tratamentos da tuberculose e sobre ela ser uma doença de “pobre” ou de “classe”, Sidney Challoub (2006, p.9), tendo como referência o contexto do Rio de Janeiro, observa a existência de uma desigualdade em relação à atenção a essa doença, que, de acordo com o autor, era ignorada pelas autoridades no contexto da cidade no fim do século XIX. Ainda de acordo com o historiador, a tuberculose era consideravelmente grave entre uma população negra, contudo, os cientistas de higiene e outras autoridades do Rio de Janeiro esforçavam-se em combater a febre amarela, a qual era uma doença que acometia principalmente imigrantes (CHALLOUB, 2006).

No caso de Salvador, no século XX, a *Liga Bahiana contra a Tuberculose* já existia na cidade e oferecia assistências ambulatoriais, e apesar de não corresponder ao estado, funcionava em cooperação com as autoridades do governo, o que demonstra, em certa medida, uma preocupação ao combate da doença na Bahia. Porém, no caso da febre amarela, mesmo existindo uma diminuição significativa no número de infectados no início da Primeira República “até 1919, o serviço especial de profilaxia contra a febre amarela funcionou exclusivamente a expensas do estado” (SOUZA, 2009, p.77, *apud*, MONIZ, 1921, p. 416), o

que pode evidenciar uma priorização do combate das doenças em relação à tuberculose também no contexto da Bahia.

Outrossim, a peste bubônica também era uma doença com um grande número de infectados no século XX e era mais uma das comorbidades que poderiam ser contraídas nesses locais insalubres. Essa doença despertava o constante temor da população, e ao longo da história abateram vários indivíduos. A peste até o século XIX, era considerada uma das piores epidemias e atemorizava vários indivíduos que, diante dos surtos, de tanto medo e sofrimento, eram acometidos pela loucura, era comum também que muitos que detinham de condições, fugissem das suas cidades em meio aos sentimentos de desesperança, deixando filhos e famílias para trás (DELUMEAU, 2009).

As causas dessa doença na Idade Média eram explicadas de formas diversas, sendo atribuída à poluição do ar por fenômenos celestes, aos semeadores de contágio voluntário da doença ou à vingança de Deus, que, irritado pelos pecados de um indivíduo decidia puni-lo. Como havia um mistério quanto a sua causa, e a doença atormentava e alastrava de forma rápida uma multidão, em tempos da epidemia faziam-se várias procissões que arrastavam indivíduos e se multiplicavam vendedores de amuletos no contexto europeu (DELUMEAU, 2009). O papel da pulga, antes ignorado, passa a ser associado à doença somente no século XIX, em que se descobre o flagelo da peste (DELUMEAU, 2009).

Os ratos, considerados um dos animais infestados com a pulga transmissora da doença, que, como já citado, era presente na cidade de Salvador, é também apresentado na literatura do autor, personificado como um dos inquilinos do cortiço do 68.

Os ratos passaram sem nenhum sinal de medo, entre os homens que estavam parados ao pé da escada escura. Era escura assim de dia e de noite e subia pelo prédio como um cipó que crescesse no interior do tronco de uma árvore, havia um cheiro de quarto de defunto, um cheiro de roupa suja, que os homens não sentiam. Também não ligavam aos ratos que subiam e desciam, apostando carreira, desaparecendo na escuridão. (AMADO, 2011, p.9).

A presença dos ratos sugere a falta de higiene nesses locais e demonstra também a ausência de limpeza por parte dos próprios moradores, que, na percepção do escritor, mostravam-se acostumados com a presença do animal. Além disso, esses inquilinos não distinguiam os cheiros diferentes no local, demonstrando indiferença e costume. Esse pensamento do autor, esteve em consonância com uma visão do mundo da elite da época, que associavam nos discursos os maus hábitos de higiene à pobreza e insalubridade/imoralidade,

mesmo que, em outras passagens do texto, justifique a falta de tempo dos seus moradores em higienizar esses locais (LEITE, 1996).

De acordo com Alain Corbin (1987) essa associação dos cheiros pútridos a um povo infecto, passou a ser comum no século XIX, no contexto europeu, que estabeleceu uma divisão entre o burguês desodorizado e o povo fétido (p.77). A partir do século XVIII, começam a surgir estudos na área da química e da medicina sobre a linguagem olfativa, e os odores, que antes ainda eram toleráveis, tornam-se cada vez mais insuportáveis. A poluição do ar, nesse período, passa a ser uma preocupação das injunções médicas, que buscavam bloquear os miasmas e as febres pútridas, iniciando estratégias práticas de desodorização dos espaços (CORBIN, 1987).

Além do cheiro e da presença dos ratos, também são denunciadas pelo autor, a escuridão presente nesses locais e a falta de ventilação, tendo em vista o calor no cenário de Salvador, aspectos que remetem às estruturas do Casarão. Além disso, o autor também demonstra a resistência de práticas de costumes coloniais, como alternativas para os moradores e a recorrência às práticas consideradas amorais como uma forma de sobrevivência ao desemprego (AMADO, 2011).

3.3 CRISE: AS MANIFESTAÇÕES DO DESEMPREGO E DA POBREZA NO LIVRO SUOR

O autor, assim como outros romancistas da sua época estava atento a uma literatura de feições realistas e que tinha uma vocação quase sociológica, interessados em retratar o cotidiano proletário e a miséria urbana-industrial (ROSSI, 2009, p. 29). As representações do escritor, que dizem respeito à época em que é inserido, em que há as intenções de denúncia, remete a um dos problemas sociais que existiam em Salvador, que era a falta de oportunidades de emprego na cidade, que acometia os personagens do livro *Suor* (2011) (LEITE, 1996, p.144).

Alguns dos personagens retratados por Jorge Amado, ao procurar emprego, ouvem sempre a mesma palavra: CRISE. E o escritor, parece criticar os jornais da época, em uma das passagens do texto. A manchete de jornal, criação literária do autor, dizia: “Covarde, como estava sem trabalho, enforcou-se” e descrevia:

Os moradores do sobrado nº68 à ladeira do Pelourinho acordaram esta manhã com a notícia de que um homem se enforcara num quarto do terceiro andar. Tratava-se de um Manuel de Tal, português, operário, que há meses fora despedido da Fábrica Ribeiro. Achando-se sem trabalho, devendo três meses de casa, enforcou-se nas traves do seu quarto com um lençol. O desditoso suicida contava 54 anos e há 38 residia no Brasil, não deixa parentes. É mais um caso de covardia ante a vida. Porque perdeu um emprego, preferiu despertar sem um emprego, sem se esforçar por conseguir outro. Porque, com o maior orgulho o dizemos, se há um país onde a

situação do operário seja de absoluto bem-estar, esse país é o Brasil, onde não falta trabalho para os que não são preguiçosos (AMADO, 2011, p.75).

Abaixo da manchete no texto, o autor critica o jornalista, que teria se esquecido de dizer que Manuel de Tal, procurava trabalho por toda a cidade, estava sob ameaça de despejo e todos os respondiam sobre a existência de uma crise quando saía às ruas em busca de trabalho. O autor, inserido em um contexto de pobreza, sugere denunciar não somente o problema do desemprego, mas também um pensamento da época em que há uma associação do vadio àquele que não tem ocupação ou recursos que lhe garantam a subsistência (BRASIL, 1904, *apud* ARAS, 2003, p.167).

No contexto da República, o estado da Bahia passava por uma falida economia agroexportadora, que fazia com que, principalmente pessoas das populações negras, passassem por restrições econômicas e pobreza, já que havia dificuldades para a inserção no mercado formal (FILHO, 1999, p. 255-256). Esses fatores resultaram em uma preservação das velhas práticas de trabalho e renda, principalmente aquelas geridas por mulheres, contrariando as idealizações civilizadoras (FILHO, 1999, p. 255-256).

A profissão de ganhadeira, que tem como uma das principais práticas a venda de comida, é um dos exemplos de profissão que remete a um passado colonial, já que muitas mulheres utilizavam das vendas no comércio das ruas desde o século XIX, na condição de liberta ou mulher livre. Essas ocupações no período imperial, poderiam transferir para uma escravizada a sua alforria, e foi uma ocupação que também se estabeleceu na Primeira República, constituindo-se uma alternativa para as mulheres negras no período (SOARES, 1996, p.64).

A presença negra na cidade de Salvador era proporcionalmente marcante nesse espaço físico, e nesse período, que marca uma transição do trabalho escravo para o trabalho livre, várias atividades continuaram sendo desenvolvidas por essa população negra (MATTOS, 2008, p. 47). O historiador Wilson Roberto (2008) evidencia, no final do século XIX, na cidade Salvador, a partir do Registro de Matrícula de 1887, a presença dessas populações como bastante significativa na cidade, inclusive de africanos em muitos serviços manuais, que eram desenvolvidos por homens negros - provavelmente muitos libertos - como os de ganhadores cozinheiros, carapina, pedreiro, marceneiro, ferreiro, alfaiate.

De acordo com o historiador, o documento dos Registros de Matrícula de 1887, constituía-se um dos mecanismos de controle que vinham sendo colocados em vigor na Bahia a partir do século XIX, após a Revolta dos Malês em 1835 e Sedição de Chinelos na década de 1850, que exerciam formas de disciplinar o ofício dos ganhadores. Além disso, demonstrava também o sentido que o poder público imprimia à necessidade de mudanças no mundo do

trabalho e o sentido de configuração de uma relação dos trabalhadores, que poderiam ser libertos, com poder público (MATTOS, 2008).

Outro mecanismo de controle que marcam os primeiros anos republicanos na Bahia, são as reformas. De acordo como Alberto Filho (1999, p.241), as mudanças empenhadas nos primeiros governos do estado, do governo J.J. Seabra (1912-1916) e Francisco Goés Calmon (1924-1928), tentavam apagar as velhas chagas do “passado colonial”, que representava, nos discursos das elites letradas, a sua decadência. Essas reformas tinham fortes bases ideológicas e morais, e tentavam ressignificar os espaços das ruas e o papel das mulheres nesses locais (FILHO, 1999, p. 242). Entretanto, as mulheres pobres e trabalhadoras continuaram a ocupar os espaços urbanos, contrariando os projetos de modernidade.

Assim, as mulheres, no período da República, ainda se constituíam como as principais vendedoras do comércio de alimentos e permaneceram nas ruas. Muitas vezes, tocavam as feridas da moralidade patriarcal ao justificar a viuvez ou o abandono paterno para a presença na rua (FILHO, 1999). Jorge Amado demonstra na sua obra a presença das profissões das mulheres na rua, a partir da vendedora de acarajé, que tem sempre como sua companhia o mendigo cabaça, e Nair, inquilina do 68, que vive da prostituição (AMADO,2011).

Nair, como todas as personagens prostitutas de modo geral, nos escritos do autor, era mais uma daquelas que possui uma história trágica de vida (PALAMARTCHUK, 1998, p.348). O autor apresenta essa personagem em um diálogo com a sua filha Julieta, que demonstra uma preocupação em relação a uma desconfiança dos vizinhos sobre a sua profissão, considerada promíscua.

-Aqui andam desconfiados...

-E que me importa? Eu ganho minha vida. Que vão à merda! Deixei o emprego porque não quis ir a cama com patrão. Não arranjei outro. Havia de deixar você e Júlia morrerem de fome? Dou o que é meu...Ficam danados porque eu tenho dois vestidos elegantes, uso pó de arroz e perfume. E elas não vivem aí se esfregando na escada? Umhas putas, todas elas!

(...)

-Para onde você vai?

-Vou a uma farra com o Oscar e uns amigos deles em Amaralina.

-Quem me dera ir!

-Cala a boca, maldita! Quer se perder também? (AMADO, 2011, p.17-18).

Os fatores econômicos e o desemprego sugerem, mais uma vez, as grandes dificuldades que passavam os moradores do 68, os novos habitantes dos distritos centrais na Primeira República, e a prostituição como uma escolha determinada pelas condições dos indivíduos, na percepção do autor, sendo, no caso de Nair, resultado do desemprego. Além disso, Nair, parece não desejar, que a filha siga a mesma profissão, possuindo valores da época, ainda que não os

admitisse. Essas regiões, como o distrito da Sé, onde está localizado o prédio do 68, sediavam grande parte das zonas de prostituição da cidade. (ARAS, 2003, p.71).

Um outro elemento abordado no texto sobre a marginalização, é a situação de miséria e fome dos habitantes, as condições dos animais no romance, contrapunham-se a situação dos habitantes no cortiço, o que demonstra uma contradição, que eram tão difícil a ponto dos animais se alimentarem melhores do que os inquilinos, os ratos são descritos como gordos, o gato do sapateiro espanhol ganhava todos os dias uma fatia de presunto do seu dono, e o rato de estimação do mendigo Cabaça, ganhava todos os dias o acarajé do seu dono (NASCIMENTO,2018, p.127).

A situação de mendigos é mais uma das representações nas histórias sobre o cortiço. O mendigo Cabaça, um dos inquilinos gratuitos como os animais, que vivia em frente ao prédio, é mais um personagem que está à margem da sociedade e liga-se aos moradores do cortiço pelos laços de solidariedade (ANDRADE, 2016, p. 6). Cabaça está sempre ao lado da vendedora de acarajé e dormia na escada do cortiço 68 (AMADO, 2011, p.91).

De acordo com Leite (1999), a mendicância, tal como a indigência, era uma característica muito comum na cidade de Salvador, e esses pedintes estavam muito presentes nos Centros da cidade, em razão do grande fluxo nas regiões comerciais. Disputavam-se os pontos para mendigar; quando o personagem Cabaça estava muito doente e na Assistência, muito mal, logo apareceu um outro mendigo, querendo ocupar o local em frente ao prédio do senhor Samara, cumprimentando a vendedora de acarajé.

-Boa noite.
-Boa noite, meu branco.

Sentou-se ao lado da baiana, no degrau da porta, e ficou silencioso, sem saber como começar. Batia no cimento do passeio com a muleta. A mulher notou-lhe o embaraço e perguntou:

-Quer tomar alguma coisa?
-Dois tostões de mingau de puba.

Enquanto virava o caneco se resolveu:

-Aqui dormia um esmoler, não dormia?
-Cabaça, tá na assistência, muito mal.
-E o homem não se importava?
-Quem? Cabaça? Se importava com o quê?
-Não. Tou falando de outra coisa. O dono da casa não se importava que ele dormisse aqui?
-Seu Samara? Ele nem vem aqui mesmo...Quer o lugar, se mal pergunto?
-Quero...Isto é, se não tem alguém...
-Se quer, tome conta logo, senão é capaz de vir outro (AMADO, 2011, p.68).

A presença dos mendigos nas ruas foi tema presente em muitas literaturas desde início do século XVI ao século XVIII, no contexto europeu, e demonstravam esses sujeitos como indivíduos vagabundos, espertos e que odiavam o trabalho (GEREMEK, 1995). Na representação de Jorge Amado, o mendigo, era mais uma demonstração da anti-civilidade diante da cidade que era almejada na época, sempre presente nas principais ruas do velho centro.

O autor, a partir da descrição das condições desses personagens nos seus livros, denunciava o povo que vivia mal, dormia mal, sofria privações, para horrorizar, segundo ele, aqueles que se negavam a enxergar a dura realidade da vida, com o fim de conscientizar as pessoas, assim, de acordo com a historiadora Palamartchuck (1998, p.343), o autor apresenta também um discurso civilizatório, já que buscava conscientizar os seus pares.

3.4 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS LAVADEIRAS

Além dos mendigos, das prostitutas, dos bêbados, outras importantes personagens no livro, que estão sempre presente nas obras do autor, são as lavadeiras (ANDRADE, 2016). Para reconstituir uma história das mulheres, tendo como o cenário a cidade de Salvador, a obra *Suor* (2011), assim como outros livros do autor, é tomada como texto para uma discussão histórica por diferentes autores da área Neto (2005), Andrade (2016), Bazzo (2017).

Essas mulheres pobres, que lavavam roupas para viver, eram retratadas muitas vezes como aquelas que possuíam as condições melhores entre os moradores do 68. Essas profissionais aparecem na literatura como as principais provedoras dos filhos e são trabalhadoras que possuem determinada autonomia dentro dos limites do contexto de opressão no século XIX e XX (BAZZO, 2017, p.3). Constituindo-se figuras marcantes nas ruas e atuantes mesmo com a implantação das Lavanderias na década de 1930 (NETO, 2005, p.71).

As trabalhadoras lavadeiras, nos escritos de Jorge Amado (2011), levantavam sempre as cinco horas da manhã, e buscavam as roupas dos fregueses de porta em porta, reunindo-se em companhias no sótão:

(...) Mulheres do sótão e dos demais andares, que também viviam de lavar roupa, se juntavam às dez lavadeiras do K.T. Espero e, quando não cantavam, conversavam com grande gasto de queixas e de risadas. Mulatas, portuguesas, árabes, velhas e moças, comentavam a vida dos fregueses, sabiam de tudo que se passavam no prédio, se queixavam umas às outras, maldiziam a existência e, juntas, iam à sessão grátis do Olímpia.

(...)

Apesar de dizerem que a velha árabe do sótão, a mais afreguesiada, era amasiada com o filho e tirava o sujo da roupa mais o juntava no corpo, que dos Reis era pancada, que Josefa deitava com os homens para quem lavava, que Vitória apanhava do marido-existia entre elas uma solidariedade que as levavam a emprestar sabão à companheira

sem dinheiro e a emprestar trabalho àquelas de freguesia reduzida (AMADO, 2011, p.85).

As lavadeiras, assim como outros inquilinos do prédio, ligavam-se pelos sofrimentos e pelos laços de solidariedade, emprestavam tudo que possuíam, essa característica é representada por Jorge Amado como presente em todos os personagens. O autor também retrata os locais de trabalho, a lavanderia, como lugares de sociabilidade. As características desses espaços, onde se aglomeravam mulheres como se fossem reuniões, assim como os bares frequentados por homens, era uma prática popular existentes em outras partes do mundo. Michele Perrot, em sua obra *Os Excluídos da História* analisa um cenário similar na França do século XIX (2017, p.210).

Apesar do duro trabalho, essas mulheres detinham de pequenos momentos de diversão, como o retratado acima, no cinema Olímpia. Esse cinema, que é citado por Jorge Amado, é descrito pelo historiador baiano Sílio Boccanera Júnior (1863-1938), como o antigo Íris-Teatro (1912), um dos cinemas do estado na República, considerado o mais popular na capital (BOCCANERA, 2007, p.43). Jorge Amado cita esse cinema como um dos únicos que restavam aos habitantes do cortiço, que eram excluídos dos grandes cinemas (2011, p.50).

Às terças-feiras as mulheres apressavam o trabalho e cantavam, alegres, como em dias de festas. Realmente era um dia de festa, a terça-feira. O Olímpia dava uma *soiré chic*, grátis para as moças, com um programa que podia não ser escolhido mas era extenso-trinta e oito partes. Salada de filmes, com um pouco de tudo. Jornais atrasados três anos, comédias velhíssimas, propriedades do cinema, que as exibiam semanalmente nesses dias. As mulheres riam, esquecidas de que na última semana tinham rido da mesma comédia. Fitas de caubóis, dramalhões americanos e episódios de filme em série (AMADO, 2011, p.50).

Assim, o autor representa os cinemas e os momentos de distrações como locais para espalhar, em que as lavadeiras esqueciam por alguns instantes os problemas da vida. Além disso, o autor também representa, a partir desse trecho, a presença dos cinemas como um elemento da modernidade na Bahia já na década de 1930, como um espaço de sociabilidade e de lazer, e a influência norte-americana nos cinemas brasileiros, que, justificaria, na sua percepção, a falta de conscientização de classe entre essa população.

Retornando para as lavadeiras, a informalidade dessa profissão, apesar de estar sujeita a uma relativa autonomia, também deixavam essas trabalhadoras submetidas às situações de calotes e atrasos, “as mulheres não gostavam de lavar para os estudantes, conhecidos como caloteiros e demorados no pagamento” (AMADO, 2011, p.86). Além disso, o historiador Francisco Neto (2005) evidencia diversas situações de conflitos entre os patrões e as lavadeiras, a que estavam submetidas ou prestavam serviços, como a denúncias de ter

manchado peças de roupas, a acusações de roubos em jornais, e, por fim, sobre a sua presença nas ruas, que contrariavam os projetos civilizadores da cidade.

Havia o desejo dessas lavadeiras de sair da situação de pobreza vivenciadas naquela realidade de miséria a que estavam submetidas.

E, no trabalho, lavando roupas, remendando vestidos, passando ferro em camisas, lembravam as fitas da véspera, se deliciavam em comentários, as mais novas sonhavam noivos ricos com um travo de amargura, elas que odiavam a vida diária com muito trabalho e pouca comida. Lá fora, havia outra vida. A vida dos grandes automóveis e dos belos vestidos. Vida que elas só conheciam pelo cinema. Mas, quando alguma delas se perdia com um rapaz rico, não a invejavam. Sabiam que a felicidade duraria pouco tempo. Ela voltaria breve e, quando voltasse, não saberia mais lavar roupa. Cateria homem depois das dez horas da noite, beberia cachaça até que a Assistência a levasse. (AMADO, 2011, p. 50-51).

Essa representação do autor, demonstra o desejo da maioria das moradoras do 68, não somente das lavadeiras, era esse o anseio de muitas das personagens do livro, que, como o autor apresenta, via o matrimônio como uma forma de ascensão social. Essas mulheres viam somente a possibilidade do casamento como uma alternativa para saírem das condições de pobreza e privações pelas quais passavam. Entretanto, o autor parece concordar com a existência de empecilhos que impediam essas mulheres de usufruir desses anseios, ao afirmar o pensamento de que elas voltariam em breve para o mundo da prostituição.

De acordo com Heráclito Filho (1999), nesse contexto do final do século XIX e início do século XX, afirmava-se a redefinição da identidade feminina, exaltando os perfis das camadas abastadas a “moça” e a “senhora” como representantes de um feminino civilizado, ao mesmo tempo que estigmatizavam as mulheres pobres que viviam na rua (p.243). A construção e perpetuação desse pensamento e valores, que enfatizavam a valorização de alguns significados como a virgindade, dificultava, que principalmente os homens mais abastados, escolhessem o envolvimento com essas mulheres, que eram consideradas “mulheres públicas” (FILHO, 1999, p. 243-245).

Esse pensamento, que associava mulheres aos ambientes domésticos, de acordo com o historiador Peter Gay (1994, p.363), era comum até mesmo na Inglaterra no século XIX, em que, muitas mulheres que trabalhavam fora de casa, ocupando funções em armazéns e escritórios eram exploradas com motivo de riso por revistas de comédia e humorística. Além disso, mesmo ocupando funções mais restritas, como as de escritoras, essas mulheres eram criticadas quando o tempo de escrita fazia com que as obrigações com a casa e o esposo fossem negligenciadas (GAY, 1994).

A Ladeira do Pelourinho, onde as mulheres lavadeiras subiam e desciam, e o histórico de pobreza, em que estavam inseridas essas personagens e outros moradores, constituem uma

representação de um romance sobre os indivíduos que se integravam pelas condições sociais e por um processo de exclusão em que viviam esses habitantes em Salvador, que juntos, em uma realidade de identidade fragmentada, tornam-se um mundo/uno a partir das relações que estabelecem no prédio 68 (BETINA, 2017, p.174).

Nos cenários demonstrados até aqui, construídos pelo o autor, é evidenciado diversos aspectos do momento histórico vivido na Bahia. A obra, que privilegia a constituição do espaço urbano em Salvador, evidencia, a partir dos cenários e ações constituídas no livro muitos aspectos da modernidade e suas contradições, contribuindo para compreender o período na cidade de Salvador (SANTANA, 2017; NETO, 2005).

Além disso, considerando a perspectiva defendida por Carlos Augusto Magalhães (2011) no livro *Cena moderna: a cidade da Bahia no romance de Jorge Amado*, o livro também se caracteriza como um apelo do autor Jorge Amado para uma consciência de preservação da área histórica, que era abandonada e encarada com indiferença pela cidade moderna, em detrimento de novas áreas, sendo assim, a obra seria também um depoimento a favor da valorização desse local.

Outras questões, além dos aspectos da modernidade também permeiam o romance, mais do que a união que estabelecem pelas suas vivências no antigo centro de Salvador, esses inquilinos também são ligados pela luta social entre pobres e proprietários. Essa temática que demonstra uma perspectiva de classe evidenciada na obra, enfatiza as posições políticas “fresca” ou “recém-adquiridas” do autor, que, de acordo com Rossi, seria ingenuidade considerar que a existência desses aspectos não seriam postos nos livros após a sua reedição como demonstrado no capítulo dois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Suor* (1934), assim como outros livros do autor Jorge Amado foi um dos escritos incinerados em 1937. Na manchete de jornal do *Estado da Bahia* daquele ano, é descrito que esses livros, assim como os dos escritores José Lins Rego, foram considerados propagandistas do credo vermelho no período do Estado Novo.

A partir dos elementos apresentados na obra, evidenciou-se essa característica, em que há a presença de uma influência marxista na narrativa, que demonstra uma propaganda dessas ideias no contexto brasileiro pelos escritores de esquerda e a existência da introdução de autores marxista nesse período. Assim, o uso dessa literatura permite compreender uma polarização e

efervescência das ideias da esquerda no país, mas também possibilita perceber de que modo o passado foi representado, e a relação de aproximação dessas narrativas com a historiografia.

A literatura social de Jorge Amado deu voz para aspectos da vida das camadas sociais baianas, que, naquele período, eram marginalizadas pelos estudos históricos, e permite resgatar aspectos sobre o centro da cidade e as situações que eram vivenciadas pelas camadas sociais no período da Primeira República a partir da sua representação. Dessa forma, o romance do autor, como uma expressão da literatura, se mostrou uma importante fonte para a compreensão de uma temporalidade e imaginário da época, sobretudo, dos aspectos da cena moderna.

Além disso, *Suor* também pode ser trabalhado para pensar outras questões que são postas, a exemplo do aspecto racial e os elementos da cultura afro-brasileira que são evidenciados naquelas páginas. Desse modo, a literatura aponta caminhos interessantes para a história, pois, a partir de quem escreve e dos elementos narrativos, ela pode contribuir para uma escrita dando um novo sentido para o campo historiográfico.

Há décadas são produzidas muitas obras literárias que tratam sobre a experiência de grupos tradicionalmente excluídos, desse modo, os entrelaçamentos entre os campos da literatura e da história, podem, assim, contribuir para resgatar a “tradição dos oprimidos”. Essa perspectiva defendida por Walter Benjamin em *Sobre o conceito da História* (1994), texto produzido em 1940, que faz profundas reflexões sobre os silenciamentos provocados pela ideia de progresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S C.; SILVA, R. S. **Do (in)visível ao risível: o negro e a 'raça nacional' na criação caricatural da Primeira República.** Estudos Historicos (Rio de Janeiro), v. 26, p. 316-345, 2013.
- AMADO, Jorge. **Cacau.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- AMADO, Jorge. **O País do Carnaval.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- AMADO, Jorge. **Suor.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- ANDRADE, Mário. **Paulicéia desvairada.** São Paulo: Principis, 2019.
- ANDRADE, A. C. P., SOUZA, L. S. **SUOR: ESPAÇO E MARGINALIZAÇÃO A CELEBRAÇÃO DOS EXCLUÍDOS.** In: VIII Encontro Estadual dos Pesquisadores de História (ANPUH- Bahia), 2017, FEIRA DE SANTANA. Anais do VIII Encontro Estadual dos Pesquisadores de História (ANPUH- Bahia), 2016.
- ARAS, L. M. B. ; OLIVEIRA, J. P. DE . **Sob a pena da lei. Mulheres pobres e marginais.** 2003. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- ARRUDA M. A. do N. **Modernismo e regionalismo no Brasil: Entre inovação e tradição.** In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2; 2011, pp. 191-212.´
- AZEVEDO, A. **O Cortiço. 1890.** MINISTÉRIO DA CULTURA: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/cortico.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** O contexto de François Rabelais. Trad. Y. Frateschi. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da UnB, 1993.
- BARROS, José D'Assunção . **A Escrita da História: desafios contemporâneos.** 2010.
- BAZZO, L. M. F. . **Trabalhadoras Lavadeiras e a Literatura Científica - Seculos XIX, XX e XXI.** In: VIII Encontro Estadual dos Pesquisadores de História (ANPUH- Bahia), 2017, FEIRA DE SANTANA. Anais do VIII Encontro Estadual dos Pesquisadores de História (ANPUH- Bahia), 2016.
- BENJAMIN, Walter. 1994. **Sobre o Conceito de História.** (Trad. Sergio P. Rouanet) In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense.
- BERMAN, M. **Baudelaire: O Modernismo nas Ruas.** In: Tudo o que é sólido desmancha no ar. 5ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.127-165.
- BERNUCCI, Leopoldo M. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha.** São Paulo: Edusp, 1995.
- BOCCANERA Júnior, Sílio, 1863-1928. **Os cinemas da Bahia, 1897-1918 / Sílio Boccanera Júnior;** [prefácio de: Consuelo Pondé de Sena]. – Salvador: EDUFBA: EDUNEB, 2007.

BURKE ,Peter,1937-**O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

CARVALHO, J. M.. **Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi.** 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987. v. 1. 196p .

CASTELLUCCI, A. **Salvador dos operários: uma história da greve geral de 1919 na Bahia.** Dissertação. Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil. Ano de Obtenção: 2001. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/6_salvador_dos_operarios_uma_historia_da_greve_geral_de_1919_na_bahia.pdf. Acesso em: out. 2021.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial.** 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador.** São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações,** Lisboa: DIFEL, 1990.

CORBIN, Alain .**Saberes e odores : o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX** / Alain Corbin ; tradução Lígia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CUNHA, B. R. R. . **Poéticas da negritude e da exclusão em Jorge Amado.** Izquierdas (Santiago) , v. 32, p. 172-183, 2017.

DUARTE, Eduardo Assis. **Jorge Amado, crônica e ativismo.** TERESA (USP), v. 16, p. 103-116, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115418/113030>. Acesso em: 06 nov. 2022.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800:uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAUSTO, Boris. **Brasil: Estrutura Social e Política da Primeira República: 1889-1930.** In: História da América Latina: de 1870 a 1930, volume V/Leslie Bethell organização; tradução Geraldo Gerson de Souza- 1. ed., reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

FILHO, A. H. F. **Desafricanizar as ruas:** elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890- 1937 ; URI. <http://hdl.handle.net/20.500.12424/495>.

GALVÃO, Patrícia. **Parque industrial.** São Paulo: EDUFSCar, 1994.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. O cultivo do ódio.**/ Peter Gay- São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1994.

GAY, Peter. **O estilo na história,** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GEREMEK, B. , 1932- **Os filhos de Caim:1400-1700: tradução do polonês Henryk Siewierski-** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- GRAHAM, S. L.. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910**. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.237 p.
- HOBBSAWM, E. J. **A era dos Impérios**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOBBSAWM, E. **História do Marxismo: o marxismo no tempo de Marx**. Vol I. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- HOBBSAWM, E. J. **Sobre História**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 16ª. Edição. Tradução de Waltensir Dutra. Zahar Editores. Biblioteca de Ciências Sociais, 1980.
- LEITE, R. C. N.. **A rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. v. 1. p. 19-107, 197-269.
- LEITE, R, C, N. **E a Bahia Civiliza-se... Ideais de Civilização e Cenas de Anti-Civilidade em um Contexto de Modernização Urbana, Salvador, 1912-1916**, Dissertação. Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil. Ano de Obtenção: 1996. Disponível em:https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/3_e_a_bahia_civilizase_ideais_de_civilizacao_e_cenas_de_anticivilidade_em_um_contexto_de_modernizacao_urbana_salvador_1912-1916.pdf. Acesso: out. 2022.
- LÖWY, Michael (ed.). **O marxismo na América Latina**. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. S. Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- LUCA, T. R. de. **História dos, nos e por meio dos periódicos** 1a ed. 2005. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 2aed.São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.
- LUKÁCS, **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAGALHÃES, C. A.. **Cena moderna: a cidade da Bahia no romance de Jorge Amado**. 1ª. ed. Salvador: QUARTETO, 2011. v. único. 282p .
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MATTOS, W.R. **Negros contra a ordem: Astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador 1850-1888)**/ Wilson Roberto de Mattos -Salvador: EDUNEB, EDUFBA, 2008. 206p.
- MATTOS, M. B.. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. 2a.. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. v. 1. 160p.
- MAZOWER. Mark. **A nova ordem de Hitler, 1938-45**. In:_____. **Continente sombrio: a Europa no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**/ Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NEEDELL, Jeffrey D. **A Belle Époque Tropical**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.39 – 73. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3202644>. Acesso em: 02 nov.2022.

NUNES NETO, F. A. . **A Condição Social das Lavadeiras em Salvador (1930-1939): quando a História e a Literatura se encontram..** Salvador: UFBA, 2005 (Dissertação).

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos?.** In: Chalhoub, Sidney; Pereira, Leonardo A. de M.. (Org.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, v. , p. 333-359.

PESAVENTO, S. J. **Fronteiras da ficção: diálogos da História com a literatura. História e Literatura**, Universidade de Coimbra, v. 21, p. 33-57, 2000. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41745/1/Fronteiras_da_ficcao.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. v. 1. 130p

PESAVENTO, S.J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre/Sandra Jatahy Pesavento – Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

PEREIRA, L. A. M.. **Literatura e história social: a geração boêmia no Rio de Janeiro do fim do Império**. História Social, Campinas - SP, v. 1, n.1, p. 29-64, 1994.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. 7º ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf

RAYOL, L. M.. **Precursoras: na contramão do óbvio - um estudo sobre as primeiras (e inspiradoras) personagens femininas da obra de Jorge Amado**. Dissertação. Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil. Ano de Obtenção: 2011.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **A militância Política na Obra de Jorge Amado**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). *O Universo de Jorge Amado: cadernos de leituras*. 1 ed.São Paulo: Cia das Letras, 2009, v. p. 22-33. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_OuniversodeJorgeAmado_militanciapolitica.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico- 1900-1950**. Dissertação. Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil. Ano de Obtenção: 1998.

SANTANA, Geferson. **Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937)**. IZQUIERDAS (SANTIAGO) JCR, v. 49, p. 58-78, 2020.

SANTANA, Geferson. **O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)**. Dissertação. Mestrado em História. Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, Brasil. Ano de Obtenção: 2017. pp. 43-72. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/41555/Geferson%20Santana%20-%20O%20combate%20das%20ideias%20%28Vers%C3%A3o%20Final%29.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SANTOS, Daiane Santana. **CORPOS EM TRANSE NA CIDADE DO SALVADOR: FOTOGRAFIAS DE PIERRE VERGER (1940-1950)**. Monografia. Graduação em História. Universidade do Estado da Bahia, UNEB. 2015. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/jspui/bitstream/20.500.11896/702/1/TCC%20Daiane.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SANTOS, M. A. S.. **Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940)**. Rua (Revista do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Salvador-Ba, , v. 3, p. 20 - 29, 03 maio 1990. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3103/2221>. Acesso: 12 mar. 2022.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. v. 1. p.27-94

SEVCENKO, N.. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo nos frementes anos 20**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 01. 480p.

SILVA, Aldo. J. M.. **Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origem e estratégias de consolidação institucional**. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. v. 1. p. 187-249

SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936)**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de . **A gripe espanhola na Bahia:saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. 1ª. ed. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/FIOCRUZ, 2009. v. 1. 367p .

THOMPSON, E.P. **Costume em comum/ E. P. Thompson. revisão técnica Antomo Negro. Cristina Menguello. Paulo Fontes. São Paulo Companhia das Letras, 1998.**

VIEIRA, D. A.. **Jorge Amado e o romance proletário**. Todas as Musas, Universidade do Grande ABC, p. 56 - 67, 11 jul. 2012

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura**. 1. ed. Editora Schwarcz Ltda. São Paulo-SP, 1990.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.